



Souza gr.

Jose da Silva Mendes Leal, gr.

Mendes est.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL-JUNIOR

I

No tempo em que se não estampava livro sem dedicatoria encomiastica, disse um critico sagaz, que era mais facil compôr um volume em folio, que escrever uma dedicatoria de pagina e meia!

E dava a rasão — que havendo-se apurado e sublimado por tal arte os modos de elogiar, em tão multiplicadas dedicatorias, julgava impossivel poderem-se escrever já d'aquelles panegyricos sem nota de repetição ou plagiato.

Isto que disse, no seculo passado, o encyclopedico beneditino hespanhol a respeito das dedicatorias, póde-se igualmente applicar ás biographias contemporaneas dos homens illustres.

Tão louvados e proclamados andam elles nas paginas das revistas e jornaes, que não ha mais dizer, salvo por outras palavras.

As parcimonias de Cornelio Nepote é que enriqueceram Plutarcho.

Mas se inquestionavelmente essa exuberancia tolhe os passos aos que vem depois dar tambem o seu laudo, que será de nós, tendo de collorir ainda mais, o retrato de um personagem cujo panegyrico se anda escrevendo ha vinte annos, a datar da representação do seu primeiro drama (OS DOIS RENEGADOS) em 1839, até á publicação do seu ultimo poema (O PAVILHÃO NEGRO) em 1859?

Se houvessemos de compendiar o que tem dito, principalmente sobre as obras poeticas e dramaticas de Mendes Leal, a imprensa portugueza e estrangeira, a analyse e louvor das obras primas do seu fecundo e inexaurivel engenho, fôra muito mais acabada e sem suspeita, valeria bem mais que todos os esforços por nós agora empregados, para que o affecto e convivencia de tantos annos, não subornem a rectidão e a imparcialidade, por que só ellas fazem passar em julgado as sentenças da critica litteraria, e obter os accordãos da opinião publica.

Se os biographos tivessem, como hoje tem os photographos, um fiador tão idoneo e insuspeito, qual é o sol, para os retratos corporaes, escusadas estavam similhantes precauções e temores, porque então seriam véras as effigies intellectuaes. Em quanto o buril, o pincel e o lapis foram os unicos instrumentos de retratar, nunca a imagem do homem se espelhou ao natural. Assim será tambem em quanto a penna fôr o unico instrumento de biographar.

Tão para além dos presuppostos humanos vão indo os inventos d'este seculo, que até similhante prodigio nos póde vir a deparar!

E todavia, muitos de certo hão de preferir ao novo invento a actual maneira de biographar, por que, se nem todas as verdades se dizem, muito menos se devem pintar.

Façamos conta, porém, que esta interrupção jocoseria nos serviu para tomar o folego, e prosigamos.

Os prophetas da antiga lei, dividem-se na Sagrada Escripura em menores e maiores. Estes ultimos são assim chamados, não por serem mais graduados ou mais sabedores, mas por terem escripto mais que os outros.

Tirando exemplo de tão augusta auctoridade, diremos que Mendes Leal é um dos prophetas maiores da actual geração litteraria de Portugal. É talvez o que tem escripto mais, e seguramente em mais variados ramos do saber humano. Colligidas já todas as suas obras, pertencem bibliologicamente á polygraphia.

A poesia lyrica, a tragedia, o drama, a comedia, o romance, a philologia, a critica, a eloquencia (academica e parlamentar), a historia, a biographia, as bellas-artes, a politica doutrinal e polemica, em todos estes assumptos se tem exercido a sua intelligencia, se tem revelado o seu talento, se têm gastado os melhores dias da sua mocidade, offuscado a luz dos seus olhos, debilitado o corpo, provado o animo nos revézes e privações; e isto durante vinte annos, sem descanso, sem interrupção, sem esmo-

recimento, sem queixumes, sem sollicitações... e por tanto com muita honra e pouco proveito.

Tal é o summario da vida publica e litteraria de Mendes Leal feito por quem nunca lhe mentiu nem o lisongeu, e que póde aqui dar testemunho de verdade, porque tem assistido a esse continuo laborar; admirado a sua constancia no trabalho quotidiano; reprehendido o esforço de escrever, dictando, quando a enfermidade o retém na cama; pasmado da sua applicação aos livros com tão pouca vista; emfim, de quem lhe sabe as noites veladas e os dias jejuados, sobretudo quando os vaivens da escandalosa politica miliante d'este nosso paiz, o deixaram só no posto de honra, onde combateu denodado, até que passado o perigo, voltaram então os que sem a sua penna teriam de todo perdido a representação politica. Alludimos á época em que Mendes Leal, tomou sobre si a direcção e redacção de um jornal politico que tanto se assignalou contra a revolução de 1851, tendo de transferir a sua residencia para a officina, donde por alguns mezes não saiu, dando-as noites á redacção da folha, e os dias á composição de um romance historico dos tempos coloniaes de Pernambuco, que elle se tinha compromettido a escrever em tempo aprasado, para a sua publicação successiva n'uma das principaes folhas d'aquelle imperio.

O posto, entre os primeiros, que hoje tem Mendes Leal na milicia litteraria de Portugal, foi assim conquistado. Por todos os trabalhos, por todos os trances, por todos os riscos, sem exceptuar o da propria existencia, com os quaes se alcança a verdadeira gloria, tem passado o nosso auctor. Se muitos são já os triumphos, não poucas são tambem as cicatrizes. Nas phalanges de Minerva, como nas de Mavorte, ha muitos a quem a ventura tem cegamente laureado, sem que se lhes saiba de victoria, ou sequer de peleija onde ceifassem os loiros. Mendes Leal não deve nenhum d'estes dons á ventura. Pois não temos poucos d'esses «bemaventurados»!

Perfilado fica já o retrato intellectual que estamos collorindo. Passemos agora a debuxar-lhe as feições que caracterisam a sua physionomia.

Prescrevem as regras da ethopéa, côr com que os mestres da arte de escrever ensinam a fazer a pintura do espirito e coração do homem, que sobresaia, a todas as feições, o caracter moral do individuo, por ser esta a expressão, a vida do retrato.

O caracter distinctivo do talento, da inspiração de Mendes Leal, é a nacionalidade, não tanto pela linguagem como pelo assumpto das suas obras.

Não ha successo notavel em Portugal, durante as duas décadas que lhe abrangem a carreira litteraria, que na legenda não tenha inscripto o nome de Mendes Leal. Nos progressos, nas alegrias e nas magoas da patria, a sua musa é sempre interprete fiel do sentimento nacional. Se o reclamam as tarefas da civilisação do paiz ou o serviço publico, eil-o sempre tão prompto na vontade, como desvelado no desempenho.

Exemplifiquemol-o, para que se não haja por hyperbole.

Quiz o restaurador, ou antes o fundador do theatro nacional, aquelle peregrino engenho cuja saudade se nos aviva sempre que acertamos de o citar, o visconde de Almeida-Garrett, quiz elle que tambem nós tivéssemos repertorio dramatico. Para lhe dar começo fintou-se a si proprio, e depois, com honrosos premios, convocou os talentos nacionaes a concorrerem tambem para aquelle acervo. Mendes Leal foi o primeiro concorrente e o primeiro premiado. O seu drama representou-se anonymamente, e a fama, que tinha de repetir as aclamações com que no theatro fôra victoriada a peça, lhe encetou a reputação com o cryptonymo de auctor dos *Dois Renegados*, pelo qual foi conhecido e citado por muito tempo, honra que só se confere aos auctores de obras notaveis, que por modestia ou por outros respeitos occultam o seu nome.

O estremecimento politico de 1836 acordou entre nós muitas vocações para as letras e sciencias. D'esse impulso nasceu uma associação de mancebos escholares, de Lisboa, que foi como que um seminario d'onde muitos saíram para as prelaturas scientificas, litterarias e politicas do paiz. Foi a «Sociedade Escholastico-Philomatica» a que pertenceram muitos que tem já exercido até os altos cargos da republica civil e litteraria. Mendes Leal, inscripto entre os fundadores, quando se conferiu a presidencia honorifica o visconde de Almeida-Garrett, foi eleito presidente effectivo, em substituição de outro mancebo¹ não menos assignalado depois nas letras, na sciencia que hoje professa, e na politica militante que, ainda mal! o ha de ferir com as boc-

¹ O dr. Thomaz de Carvalho, cujo saber, sagacidade e finura de espirito lhe promettem um grande nome na primaz das sciencias medicas, a anatomia, que lê de cadeira na escola medico-cirurgica de Lisboa, quando, em vez de tractar e causticar o grangrenado corpo social ou politico da nação, volver de novo a escutar ainda mais os arcanos do corpo humano. N'aquella faina andam mettidos muitos magarefes; n'esta faculdade só são admittidos e tem sobresaído os grandes medicos. Mais honrados e gloriosos nomes tem na historia Vesale e Bichat, que Machiavel ou Mirabeau. Os fastos parlamentares não hão de ser traduzidos como os de Ovidio.

cas de fogo raiadas com que ella, entre nós, costuma metralhar os seus proprios cabos de guerra.

Instituido logo depois o conservatorio real da arte dramatica, consignou-se nos seus estatutos que nas sessões solemnes annuaes, se recitariam os elogios funebres dos socios fallecidos durante o anno. Mendes Leal foi um dos escolhidos para na primeira sessão fazer o elogio do conde Sabugal; e a par de homens taes como Almeida-Garrett, Alexandre Herculano, Antonio de Castilho, José Estevão e outros que tambem recitaram, foi que o auctor dos *Dois Renegados*, tendo apenas 18 annos, se estreou brilhantemente no estylo academico, começando aqui por exaltar a patria na pessoa dos homens de merito que a tinham glorificado.

N'um dos jornaes que mais luz e calor deu á litteratura e instrucção nacional, o «Panorama», plantou o sr. A. Herculano o romance historico. Boa e de benção era a mão do cultor, mas tambem a semente não podia ser de melhor arvore. Gigante bria-réa podemos chamar a esta da nossa historia antiga, por que braceja ramos aos centos, e pôde ser disfructada aos milheiros de pomos saborosissimos, como só os dá este liberal torrão, assoalhado e regado com tanto mimo da Providencia.

E todavia estava ainda virgem e intacta, em 1839, esta arvore secular mas vicejante, sorrindo e namorando-nos com tanta copia e matiz de flor e fructo! De certo que por ser gigante, só um homem das medidas de Alexandre Herculano lhe pôde chegar com a mão, e mostrar aos seus conterraneos que taes pomos não eram vedados, como os d'aquell'outra arvore dos pomares do paraizo terreal que foi a nossa perdição.

Quebrado o encanto, e dado logo a gostar o fructo colhido, foi Mendes Leal o primeiro que acudiu ao reclamo e se estreou no romance historico, n'aquellas mesmas paginas, como todos sabemos, e depois se verá pela menção que d'elles havemos de fazer.

Assentada já a mão no romance historico, levantou-a depois o nosso auctor para preludiar no romance contemporaneo, mui ao de leve, os dois themas que precederam a «Estatua de Nabuco», verdadeiro typo do genero que elle fez nosso, e exemplificou.

Pagou a nação á arte dramatica uma divida que por seculos tivera em aberto, dando-lhe templo para o seu culto na praça de D. Pedro. Solemnisa-se a abertura como festa nacional; e a primeira peça que ali se representa é metrificada por Mendes Leal; foram d'elle as primeiras palavras que se declamaram no theatro de D. Maria II.

O monarcha infeliz mas valeroso, que tentou pelas armas restituir a liberdade e a independencia á Italia, vencido na desastrosa batalha de Novara, acolhe-se á terra hospitaleira de Portugal, e aqui expira com saudades da patria e da liberdade dos seus. Mendes Leal, com estro de Pindaro e em versos dignos de Camões, sublimou no «Ave Cesar!» o principe guerreiro, e foi o interprete saudoso do pêsame e lucto da nação portugueza pela morte de Carlos Alberto.

As côrtes de 1851 alargaram as franquias liberaes da nossa constituição politica, por um acto addiccional á Carta de 1826. Mendes Leal, deputado pela cidade de Beja n'essa legislatura, é eleito relator da commissão que o reviu e approvou, sustentando-o depois no debate perante a camara electiva.

O principe dos nossos poetas contemporaneos¹ offendeu-se da indifferença com que os poderes publicos haviam recebido a ddiva de maior valia que se póde fazer a um povo tão carecente de instrucção elementar, como o nosso, o philosophico e ainda mal comprehendido «Methodo Portuguez» para o ensino do ler e escrever. Mas na sua anciedade civilisadora, querendo fazer raiar, para claridade da ignorancia infantil, a luz que o seu genio lhe tinha accendido, transportou-se ao grande e crescente imperio americano, onde se falla a mesma lingua dos que fomos seus descobridores. Toda a imprensa lançou em rosto ao governo o vexame nacional, á ingratição publica, de deixar ir peregrinando além mar, em busca de ouvidos que o escutasse, o cantor das glorias patrias, o lapidario das joias de nossos avós, o apostolo da instrucção, Antonio Feliciano de Castilho, que é dizer tudo! A imprensa unanime, todos os cultores e homens de letras que lhe deram testemunho de saudade, e acompanharam de emboras e preces o baixel que o transportava ao novo mundo. A todos se avantajou Mendes Leal. N'uma ode affectuosamente melancholica, esforçou elle o angustiado poeta para tão

¹ Fique intendido, que quando dissermos «o principe dos nossos poetas contemporaneos», nos referimos, sem lisonja nem affeição, ao sr. A. F. de Castilho. Os que dão este principado ao grande poeta Almeida-Garrett, commettem usurpação. Sciente ou inscientemente, pouco importa ao prejuizo de terceiro. Em vida d'aquelle altissimo engenho o escrevemos mais de uma vez, e nem sequer no gesto, que o tinha elle de muito expressiva, e de se deixar ler por dentro, nunca mostrou contestar esta preeminencia incontestavel. Antes era elle o primeiro a reconhecer, que em poesia, só o sr. Castilho lhe fazia sombra.

Folgamos de ter entre outros, o testemunho tão auctorizado como consciencioso do sr. cons. Viale dedicando com esta preeminencia, ao sr. Castilho, o «Bosquejo Metrico» da historia de Portugal, um dos poemas mais correctos e bem-metrificados que hoje tem a lingua portugueza.

arriscada viagem, e protestou em vehementes e patrióticas estrophes, contra a affronta que á nação e ás letras se fazia n'aquelle, voluntario mas occasionado, exilio do principe dos poetas portuguezes do seculo actual.

Quando prouve a Deus trasladar do solio portuguez para a mansão dos justos, a nossa primeira rainha constitucional, ninguém patenteou melhor que Mendes Leal, n'uma elegia inspirada de sentimento e philosophia christã, a magoa que do coração acodiu aos olhos de todo o povo, em testemunho e homenagem insuspeita das virtudes excelsas de D. Maria II.

Quando o augusto soberano que nos rege e Deus guarde, subiu ao throno esmaltado por seus avós, o hymno com que os clarins marciaes acompanharam a continencia das bandeiras, e aquellas tão portuguezas vozes de aclamação, e tão d'alma então proferidas de «Real, Real, por D. Pedro V de Portugal!», foi escripto por Mendes Leal, em versos condignos do auspicioso reinado que se nos abria.

No seu continuo lidar, cançar e incitar para que levantemos a nação do torpor em que jaz, e a levemos, no que póde ser, a par das mais briosas e andejas, apontára o sr. A. F. de Castilho que para se popularisar a poesia, e termos, como quasi todos os povos civilizados, opera nacional, fôra bom tentame trazel-a á scena no metro e toada peninsular, o verso redondilho, tão asado e serviçal para a comedia na lyra de Gil Vicente. Mendes Leal, que tão de vontade acudíra aos conselhos e exemplos de Garrett para o drama, e de Herculano para o romance, não foi menos sollicito ao invite de Castilho, — elle o discipulo e amigo e collega dos tres maiores letrados do nosso tempo e da nossa terra. A «Herança do Chanceller» provou que Mendes Leal tinha pleiteado com Gil Vicente e egualado Breton de los Herreros.

Institue-se entre nós a censura dramatica, para fiscalisar as regras da arte, corrigir e manter a pureza da linguagem, depurar o gosto, extirpar os abusos e licenciosidades da scena. Mendes Leal é chamado para exercer esta importante e onerosa magistratura, na qualidade de presidente da commissão para esse exercicio nomeada por decreto real. Este encargo gratuito desempenhou elle como se fosse largamente retribuido, dando-se ao expontaneo trabalho de corrigir, e até reformar, muitas peças, para guia de principiantes, cerrando o primeiro anno d'estas funcções com um luminoso relatorio, onde se expunham todos os serviços que a commissão havia prestado á arte dramatica, e se propunham as providencias que era mister promulgar, para o progresso e proveito d'este ramo de litteratura e das artes sce-

nicas. O governo contentou-se de mandar publicar este interessante documento no diário official, sem que até agora haja adoptado nenhuma d'essas providencias, aconselhadas pela experiencia e saber de tão insigne dramaturgo!

Os desvarios do romantismo e do fabulismo da arte dramatica franceza, deram origem ao realismo, escola novissima, que já vai resvalando tambem nos excessos do trivialismo. Uma das primeiras lições perniciosas d'essa nova escola foi a «Dama das Camélias», e depois as «Mulheres de Marmore», traduzidas (sabe Deus como!) para o nosso theatro normal.

Era já de mais para nos envergonharmos de vér, continuamente, a scena portugueza bugiando a franceza, e ser uma especie de museu pobrete, onde se não vêem se não más copias de bons quadros de auctor. Mendes Leal sentiu o vexame mais pela nação que por si; e com o famoso drama os «Homens de Marmore», remiu-nos da servidão franceza, fazendo nosso, e de gente nossa, o drama da actualidade.

Por esse tempo, e quando ainda resoavam os applausos que a cada representação d'esta peça recresciam, apagou-se um grande espirito, gelou-se um coração que nunca deixára de pulsar pela gloria da patria, perderam as nossas letras um prototypo admiravel, morreu o visconde de Almeida-Garrett! Todas as musas se enluctaram, mas só a de Mendes Leal soltou a voz plangente sobre a muda e attonita consternação publica, pagando, em versos de oiro, a divida nacional contraida com tão poderoso credor.

Quiz a academia real das sciencias preencher o logar que a morte lhe vagára com o obito de Garrett. Rasão era que o conferisse a successor não já digno se não dignissimo, e que ali representasse a litteratura dramatica, cujo restaurador e fautor se perdéra n'aquelle raro engenho. Mendes Leal foi o chamado á successão que lhe pertencia, por direito de conquista, e logo proclamado unanimemente, sob proposta de Alexandre Herculano, contraste que ainda deu maiores quilates á joia de entrada, que por tal se lhe recebeu, das mãos do grande historiador, o já referido poema dramatico, os «Homens de Marmore».

No anno seguinte, teve a academia de pagar o tributo panegyrico á memoria perduravel de J. B. de Almeida-Garrett; e o Plinio que para aquelle Trajano das letras patrias se preconizou e elegeu foi Mendes Leal.

As aguias francezas, avesadas pelo primeiro imperador á céva da rapina, cairam de chofre sobre as aguas do Tejo, onde ancorava *Charles et George*, para se alarem com esta presa que ha-

viam feito as quinas portuguezas, livrando do captiveiro e da escravatura, feita á sombra do pavilhão imperial, os miseros ethiopes, tão filhos de Adão, e redemidos por Christo como todos os homens que a Omnipotencia dividiu em differentes raças. Portugal que tinha já libertado os captivos, entregou as algemas ao carcereiro, para ainda mais o affrontar. Mas os avestruzes de hoje não digerem só ferro, como dos antigos se fabulou; por isso, com as algemas, nos levaram estes nas garras tambem alguns dobrões de oiro.

A violação dos tractados, o abuso da força, ignomonia da escravatura, o desdoiro da França, e a covardia de invadir um reino empobrecido e desarmado, tudo isto, com decorosa hombridade, lançou em rosto, ao moderno Cezar, a musa heroica de Mendes Leal, n'uma invectiva abrasada no amor da patria, que via abatida e menospresada.

Tal é o assumpto do «Pavilhão Negro», inspirado pelo mesmo sentimento que inflammou os raios de Demosthennes contra o invasor de Athenas, e acerbou a eloquencia de Cicero contra o espoliador da Sicilia.

A antiga academia real das sciencias de Lisboa, que tinha por instituto, como sua avoenga a de Paris, commemorar em elogio publico os socios fallecidos, não havia ainda pago esta divida á memoria do seu Rechilieu, do seu fundador, o Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança. E todavia tinha psalmeado louvores a muitas mumias resequidas que nunca houveram dado suco á arvore da sciencia. A academia actual, para reparar a ommissão, ou antes o aggravo, elegeu Mendes Leal para solver este debito de meio seculo. Na sessão real do anno passado, desempenhou cabalmente essa ardua missão este enexhaurivel fiador e principal pagador de dividas nacionaes.

Basta.

Por este rapido elencho dos principaes escriptos, em prosa e verso, de Mendes Leal, fóra os ineditos, fica pasmosamente demonstrada a nossa asserção, de que o seu character essencial a sua feição proeminente na litteratura portugueza, é a identificação com todos os successos e glorias nacionaes, para que elle tem contribuido, e que tem exaltado e propugnado constantemente.

Estamos tentados a dizer, que elle realisa, no seculo, o que faziam no claustro os antigos monges, mormente os beneditinos de S. Mauro, entre os quaes a obra de um era do commum, porque toda a gloria e lucros eram para a congregação, toda a honra era do convento. Boa parte, a melhor parte, das obras de Mendes Leal, com serem feitura d'elle, pertencem pelos intuitos

e pelos assumptos ao commum da nação ; toda a gloria é d'ella, porque o auctor inspira-se do amor que lhe tem, da honra e fama que lhe tem zelado e accrescentado. A sua congregação é o seu paiz, a sua terra, o seu Portugal. Para elle tem trabalhado infatigavelmente, desde a escola até á academia. Por elle tem feito sacrificio da mocidade, da vista, da saude. Por elle tem desfeito já grande parte da vida.

Aqui nos veio agora lancear o coração e entristecer o cuidado que nos dá uma existencia tão melindrosa, por compleição e fadiga, cortada incessantemente pelo trabalho, pela applicação do espirito, e sem o conforto de um porvir... que lhe dê repouso, para então se rever nas suas obras, e admirar, reverdecidas, as palmas e coróas que o nosso povo, que nacionaes e estrangeiros, que todos nós lhe temos dado.

E haverá patria que a um filho seu tão prestante, tendo d'elle, em tantos escriptos, um memorial não só de serviços mas de proesas, haverá acaso patria que não se apresse a esteiar uma vida de tanto preço, mas tão debilitada que não poderá, só com o arrimo do seu braço, deitar a longe?

Que nos perdõe o brioso poeta, trazermos para fóra do peito estas effusões de um animo que tão affectivo lhe foi sempre, que o ama e admira pelo seu grande engenho, e lhe dá o culto devido a um martyr do trabalho intellectual. Tantos annos de infrangivel amisade, muitos tambem de collaboração e de lides na imprensa, tão longa e boa convivencia, não podiam menos de gerar affectos tão profundos como os que sinto e manifesto.

Sirva, tambem, esta confissão, para nos grangear a benevolencia dos leitores, e nos darem repouso para encetar a segunda parte, por ventura a mais substancial d'esta biographia.

A. DA SILVA TULLIO.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

(Continuação)

A poesia, que é a contemplação intuitiva da natureza, houvera feito consorcio equal e fecundissimo com a sciencia, que é a contemplação experimental do Universo. Mas eram-lhe adversos os costumes e os interesses de então.

O poeta decidiu-se, ou decidiram-n'o a seguir as faculdades positivas e a eger d'entre ellas os sagrados Canones.

Quem ignora o que são os Canones, não póde achar a justa medida, porque avaliar o desaccordo entre o poeta e a sua escolha.

Se houvessem de enumerar-se n'uma escala graduada as sciencias e disciplinas, que mais ou menos se conciliam com a poesia. seriam os Canones desterrados sem appellação d'esta serie de doutrinas compatíveis com o poeta.

O poeta é o futuro; os Canones são o passado: o poeta é a liberdade intolerante; os Canones são a auctoridade incontrastada; o poeta é o *eu* imperioso, que a si proprio se governa, excita e acalma as tempestades do coração com o poder magico do plectro; os Canones são o nivel, com que o baculo espirital tira uma linha recta sobre todas as paixões; o poeta é a imaginação brincando com a duvida e com a fé, com o enthusiasmo e com a ironia, com a natureza e com o espirito, ora disciplinando a carne nos extases do mysticismo celestial, ora glorificando-a no sen-

sualismo idealizado dos seus jubilos terrestres; os Canones significam a submissão universal, o cilicio da carne e a penitencia dos mais deliciosos sentimentos; o poeta vê tudo azul ethereo; os Canones vestem de sacco a humanidade inteira; o poeta corôa-se de myrthos e de rosas e pronuncia apontando para o céu com quasi blasphema sublimidade o — *est Deus in nobis*; os Canones traçam cruces de cinza na fronte dos peccadores e exclamam, apontando para a terra — *memento homo*; o poeta canta o amor, julgando-o uma divindade; os Canones abençoam-n'ó para esfolhar de todo na corôa dos *Eros* profano as moribundas violetas da poesia sentimental.

E comtudo os Canones e a poesia são egualmente necessarios no mundo christão. A Henrique IV, que no lyrismo do amor perguntava á formosa Gabriella d'Estrée por onde se entrava para o seu perfumado camarim, respondeu a dama recatada que pela porta de uma igreja. Era uma mulher oppondo a prosa dos Canones á poesia de um rei. Tão zelosas observadoras das decretaes e dos concilios tem sido sempre as mulheres, que os tem pór cidadella da sua congenita fraqueza.

Se a poesia alarga e enflora os campos, onde o amor adeja, os Canones limitam-n'as á sincera intimidade da vida conjugal; se a poesia fabrica os templos do amor em toda a amplidão do Universo, os Canones enfeitam-lhe as aras de grinaldas modestas na paz do lar domestico; se a poesia faz do amor um egoismo, fraudando tantas vezes as leis da providente natureza, os Canones, restaurandó-as no palimpsesto dos poetas, fazem do amor o esteio da humanidade. Se a poesia cria os Werther e as Heloissas; os Canones fazem as boas mãis de familia e os honrados progenitores. Se a poesia faz amantes, que se suicidam, os Canones fazem esposos, que fundam morgados e dynastias. Assim é que a prosa ruim do decreto de Graciano vale bem o *rhythmo* cadente de Virgilio. O que não prova todavia que o nosso poeta Castilho andasse conforme com os seus gostos ao eleger a profissão de canonista.

Entrado a cursar o direito ecclesiastico, que desusados e prosaicos problemas lhe não irrompiam de chofre na florente imaginação! A infallibilidade do papa ou do concilio? A origem das annatas? O direito de investigadura? A auctoridade do cabido, *sede vacante*? Os impedimentos dirimentes? Os letigios *mixti fori*? E os casos reservados ao pontifice?

Não nos atrevemos a descrever o horror, com que o poeta saudaria logo nos primeiros dias os doutos, mas indigestos folios dos romanistas e glosadores, dos praxistas e regnicolas, turba grave

e austera de detestaveis prosistas, que por salvar os direitos do genero humano offenderam sem commiseração os direitos da boa latinidade.

Que pousada achariam tão de má vontade os miseros doutores de uma e outra jurisprudencia n'uma cabeça, aonde os deza-seis annos haviam inundado de poesia as mais secretas anfractuosidades de um cerebro entusiasta ! Que humilhações não haviam de soffrer com animo resignado os Accursios e os Cujacios com as suas togas negras e modestas n'aquelle tempo vivo, onde as musas já despoticamente dominavam ! Que visagens de mau humor não faria o velho e festival Horacio, de dentro da cabeça do poeta, ao ouvir o texto das doze taboas, commentado por um romano da Beira-alta ou do Alto Minho, assentado na cathedra universitaria, ou escutando um capitulo das extravagantes de João XXII n'um latim de mais que patavina rusticidade !

Apesar de todas estas contradicções, Castilho foi tão exemplar canonista como póde sel-o um poeta verdadeiro. Succumbiram o Tasso e o Ariosto á prosa casuistica das Pandectas. Castilho fez mais do que elles. A sua musa casta e virginal soube conservar-se intemerata na propria convivencia de tão prosaica sociedade.

Mais de uma vez esteve a musa, travessa como era, a arriscar-lhe a reputação de bom e diligente jurisconsulto, com as suas litterarias *coqueterias*. Andava elle estudando, se me não engano, direito natural com o professor Camello Fortes, que ainda alcançou os nossos dias, quando uma vez succedeu cair uma sabbatina sobre um assumpto de muita controversia. Havia no livro de Martini, que era o texto das lições, uma nota do mestre Fortuna sobre coisas de feitiçaria. Estavam reunidos em volta de uma mesa, n'um d'aquelles serões escolasticos de Coimbra, uns tantos estudantes, os quaes com o nosso poeta se haviam congregado para mais facilmente se apparelharem para aquelle academico certame. A nota foi o thema de largas digressões. Mais surria a nota, e o assumpto, de si naturalmente poetico, ás ousadas imaginações dos estudantes, do que todo o latim eruditissimo dos trechos, em que racaia a sabbatina.

Era a hora propria para espraiaar a phantasia pela região dos espiritos. Cada um dos juvenis contubernaes se julgou um doutor Fausto, buscando na conversação das potencias invisiveis o segredo impenetravel do homem e da natureza. Contaram-se historias de bruxas e de coisas-más, como se fosse n'um circulo de estudantes em redor da banca de pinho de uma estalagem allemã em Giessen ou Heidelberg. Os contos de Hoffmann, e de Arnim

as historias lugubres, com que Henri Heyne exemplifica no seu livro de *l'Allemagne* as lendas supersticiosas da nebulosa Germania, seriam porventura idyllios côr de rosa ao pé d'aquellas narrativas, cujos heroes eram espectros pavorosos, e onde as feitiçoiras convocadas para um *sabbado* infernal voavam sobre o dorso dos morcegos até á côrte de Satanaz. Corriam as horas no temeroso dialogar. Cada um dos estudantes fôra o editor dos contos com que o emballára em pequeno uma velha familiar, graduada em historias supersticiosas. Despediu-se a sociedade, e eruditissimos na sciencia das bruxas conheceram, já tarde, os estudantes que volviam para casa ignorantes de Martini e de direito natural.

Ao dia seguinte abre-se a aula. Comparece o austero cathedratico. Tira o bedel arguentes e defendentes. Entre estes cae a sorte em Castilho. Trava-se o debate com todo o encarniçamento da dialectica subtil. Do alto da cadeira o professor Camello Fortes desfructava as delicias impagaveis d'esta nova especie de circenses, que arremettiam uns a outros com um chuveiro de distincções e syllogismos. Camello Fortes distinguia tudo. Era um jurisperito da velha escôla. Toca a l'arma nos arraiaes de Castilho. Cabe-lhe a sua vez de entrar em liça. Das theses, que pendiam na controversia, não sabia quasi nada. Investe com elle o arguente, de que não ficou memoria. Aperta-o n'um cilicio de logica cerrada. Dispara-lhe uma saraiva de textos, capazes de deixar perplexo o proprio Puffendorffio. Não havia salvação possivel. Do fundo da aula animava a peleja o doutor Camello, sorrindo complacente aos estratagemas do arguente embravecido. Era o Cezar da jurisprudencia presencendo de um monticulo a cargo dos seus cavalleiros n'uma Pharsalia de distincções. Lembra-lhe a Castilho as bruxas da vespera e a nota do Fortuna. Recorre ás feitiçarias, que era o caso harto desesperado para invocações sobrenaturaes. Arrebata a palavra ao seu contrario e n'uma larga dissertação, imaginosa, como o demandava o assumpto, enriquecida com toda a erudição, que aprendera em Thiers no *Tractado das Superstições*, commette e leva a cabo a propria apologia das bruxas, admiradas de terem por caussidico um tão florente e correcto defensor.

Não lhe prescreveram os canones que de todo deixasse por satisfazer a curiosidade e o amor, que sempre o haviam para a natureza convidado. Ás lições de historia natural assistiu, sob o magisterio do doutor Manoel José Barjona, ornamento da faculdade philosophica, auctor das *Taboas mineralogicas*, em que a mineralogia werneriana, já hoje antiquada e imperfeitissima, achou em lingua portugueza um methodico, senão inventivo introdu-

ctor. A chimica ouviu ler ao doutor Franco, que então, na faculdade a professava. E de uma e outra sciencia tomou o que era bastante para não incorrer, como tantos seus irmãos em Apollo, na tacha de ignorante no alphabeto e cartilha da natureza.

Aos romancistas e doutores é bem de crer quanto haviam de anteceder na predilecção do nosso poeta, as musas, com que desde menino se comprazia. O estro, que madrugára em Lisboa, fa agora em Coimbra, terra de vates e de amores, ousando mais correctas melodias. Hoje ha entre a juventude universitaria, e a das outras escolas de Portugal, duas vocações, ou antes um demonio e um anjo bom, que tiram pela capa aos escolares, e lhes enchem os ocios da sciencia: são a politica e a litteratura. Tem uma e outra encantos e seducções. As mãos cheias acenam coróas e triumphos. Figura-se o alumno, nas suas illusões da adolescencia, umas vezes Lamartine, outras Roberto Peel. A imprensa, esta feira colossal onde se vendem todas as esperanças da vida, esta officina mentirosa, onde se doiram todos os futuros, está como um circo immenso convocando a si todos os luctadores do entendimento. O artigo, o folhetim, a poesia solta devoram a imaginação dos estudantes. A politica é uma cortezá, que promette os seus encantos como premio á ousadia, é a Aspasia moderna, que circunda o seu triclinio de todos os escravos da ambição, e embalsama o seu maculado camarim com o perfume de todos os talentos. Entre a mediocridade e o nada, entre o genio e a gloria, medeia sempre esta suprema dominadora, estendendo a mão, como Charonte, á drachma dos que sonham o Elysio, e pagando-lhes com a corôa ephemera, por fóra illusões e loiros de theatro, e por dentro espinhos e remordimentos de consciencia.

Não havia por 1818 grandes politicos na academia. Faltava a imprensa, a tribuna, ou em logar d'ellas a tradição revolucionaria, que as suppre e tantas vezes exaggera. Não era a universidade como são hoje, como tem sido n'este seculo as universidades allemãs, a obra avançada do espirito democratico. O tempo não consentia manifestações de liberdade. Desde a revolução franceza lavrára sempre em Portugal o incendio revolucionario, mas fa minando o travejamento do edificio social, sem que nem de leve se descobrisse na frontaria o menor indicio da chamma, que o roia. Havia mais patriotas que democratás, mais philosophos, que publicistas, antes legatarios da herança de Voltaire, do que herdeiros de Danton e Robespierre. A Encyclopedia tinha achado mais discipulos, do que partidarios a constituição republicana. As ironias de Voltaire, os idyllios sociaes do genebrez, haviam creado

mais proselytos do que as sangrentas prégações da guilhotina. Havia muito quem abolisse o christianismo, raros eram então os que arremettessem contra o throno. Pedia-se a abdicação de Deus diante da rasão, ninguem ousava sonhar a queda da monarchia diante da liberdade. Os cortezãos da realza levantavam-se arrogantes contra a divindade, e o joelho, que se dobrava nos degraus do solio, recusava, se podia, em nome da magestade humana, a homenagem devida á magestade do sacrario.

Não havia nos professores exemplo nem incitamento a pensamentos liberaes. Como todas as aristocracias, a universidade estremecia diante da innovação. O privilegio escondia nas dobras do seu capello, como sobre a toga do magistrado, sob a farda verde do capitão mór, sob a casaca vermelha do alto dignatario o odio entranhavel ás revoluções. Os pagãos d'aquelle tempo tinham defesos e recatados os seus templos gentilicos. Os republicanos de Tacito tinham o seu fóro nas suas livrarias, e os seus comicios nos intimos colloquios dos amigos. Os *espiritos-fortes* vingavam-se da communhão, beatamente recebida, com a leitura de Helvetius e de Holbach. Os leitores entusiastas do *Contracto social* registavam cuidadosamente na Torre do Tombo as suas cartas de nobreza, e maldiziam a volubilidade da fortuna, que situára a côrte a duas mil leguas de distancia, roubando aos philosophos de gabinete a honra de sellarem a sua fidelidade á dynastia com o osculo reverente na mão adyposa do soberano.

A universidade era grave, séria, melancholica e ordeira, como a douta Minerva, que em vulto de marmore medianamente cinzelado, estava postada, sentinella da sciencia, no cimo da escada da livraria. Quem lhe trocasse a lança pelo chuço proverbial das velhas ordenanças, em vez do elmo lhe enlaçasse uma xumberga de canudos á Pombal, teria feito da Pallas conimbricense uma especie de centauro academico, um ente meio-verdeal e meio-doutor, e contemplaria na gravidade comica d'esta imagem o symbolo acabado do que era por aquelles tempos a vetusta academia.

A politica de então resumia-se publicamente em duas questões, ambas de orgulho; orgulho de nação contra os inglezes, que a tinham quasi por colonia; orgulho de metropole contra a colonia, que se levantára quasi com o senhorio, dando a côrte ao rei foragido e indolente. Lord Beresford a governar em Lisboa, e a côrte a governar no Rio de Janeiro, eram as duas pedras de escandalo para os portuguezes de boa lei. Liberdade era então o contraposto de dominação britannica. Por esta liberdade puramente aristocratica se conspirava. Por ella caía martyr Gomes Freire, por ella ia lavrando no exercito e no seio das classes pri-





Anunciação Pint. e Grav.

Silvestre araujo

vilegiadas o fermento da impaciencia, ao depois convertida em rebellião.

O povo ainda hoje surge a custo debaixo dos escombros da revolução. É ainda hoje um esboço. Era n'aquelle tempo um germen. Sómente ás classes privilegiadas era dado pensar negocios publicos. Mas não são os privilegios, que chamam contra si a revolução e applaudem com abnegação a liberdade.

Os liberaes d'aquelle tempo eram quasi todos homens de saber. O interesse porém tornava-os precatados e abstemios nos seus dithyrambos democraticos. A inquisição era decerto um visinho impertinente, mas o desembargo do paço era uma invenção admiravel para as ambições dos moços jurisconsultos, e as prebendas e prelaturas, onde a pobreza apostolica fugia diante da opulencia das mitras e dos cabidos, era um sonho doirado para theologos juvenis. A França antes dos dias da revolução conhecêra igualmente d'estes Spartacus elegantes, que apregoavam em salões esplendidos a egualdade das condições, e d'estes Senecas sybaritas, que escreviam como o philosopho de Roma, o *Desprezo das riquezas*, n'uma poltrona de terciopelo e com um tinteiro legitimo de Sévres.

O pae do nosso poeta, o Dr. José Feliciano de Castilho, era sem duvida liberal de coração e philosopho de espirito; que sempre philosophia e liberdade andaram sorrindo a medicos e naturalistas. Mas em tempo, em que rareavam os tribunos, não queria o Dr. Castilho sacrificar a um sonho a propria felicidade, a paz domestica, e o accrescentamento de seus filhos, a quem nas apparencias da austeridade, queria e amava com a mais entranhavel affeição. Seguiram-lhe os filhos a esteira, ajudados do pouco incentivo, que para coisas politicas havia por então entre a mocidade estudiosa. Liberaes eram já, e quem o não é, ou foi, escolar e poeta, no primeiro florir da adolescencia? — liberaes mas não sectarios. Um homem, que aos dezoito annos não protesta sinceramente contra a dominação de um só, não é um homem, é um monstro, em que a natureza se envergonha das feições, que lhe imprimio. O proprio Nero poetisa n'aquelles annos a sombra fugitiva da republica, que esvoaça no senado acossada pelos sicarios dos Cesares. N'aquella idade de oiro, o mesmo Napoleão scisma, por horas de melancholia nos ocios de Brienne, a magestade da antiga democracia, e elle — o que mais fundo bebeu na taça das vaidades — condemna a gloria como um sacrilegio, quando a espada, que lhe ceifa os loiros, destroe do mesmo golpe o choupo da liberdade.

(Continua)

LATINO COELHO.

QUARTO CASAMENTO

I

Agora me occorre o episodio de um peralta portuense de mais moderna data.

Manoel Antunes de Roboredo nasceu, ha quarenta annos, no seu solar, avoengueiro em Roboredo, povoação do Minho nos suburbios de Guimarães.

Entre os mais egregios nomes dos primordiaes navegantes e descobridores portuguezes, figura o do fundador do vinculo de Santa Olaya de Roboredo, de que é actual administrador Manoel Antunes.

Este vinculo rendia, em anno prospero de pão e vinho, seiscentos mil réis, quando o fidalgo minhoto, superadas as difficuldades intellectuaes de uma formatura em direito, mudou a sua residencia para o Porto.

O programma, que o bacharel debuxára na téla da imaginação vesga, era casar rico, dotando-se com as qualidades de sua pessoa, e com as qualidades de seus vinte e dois avós conhecidos. A menina, que houvesse de matrimoniar-se com o morgado de Roboredo, casava pelo menos com dez gerações, que o limar dos seculos viera adelgaçando até á pessoa do marido seu d'ella.

Os dons pessoaes do sr. Roboredo eram sobremodo avêssos ao prospecto que o amor-proprio, desleal conselheiro, lhe inspirára.

A analyse extrinseca do homem dá que o morgado era creatura raza e plebea até á repulsão. A natureza, que marca os homens pela altura, estacionou, aos trese annos, em Manoel Antunes, se é que por uma de suas brincadeiras, a que a nomenclatura pathologica chama aber-

rações, não quiz antes encurtal-o progressivamente entalando-lhe entre as omoplatas uma cabeça colossal e espherica.

Deixemos crescer a cabeça de Manoel Antunes, e procuremos uma creatura sympatica e amovel, a vêr se o estylo se amenisa, e a bemquerença do leitor se merece.

N'uma aldeia do Alto-Minho vivia Angela, filha de Maria. Maria nascêra de lavradores remediados, que a lançaram de si, quando a filha culpada accusou com lagrimas os signaes da maternidade a sua mãe. Espancada e expulsa, pediu soccorro ao pae de Angela. Este era um fidalgo, enfasiado de aventuras analogas áquella. Mandou ao mórdomo abrir no orçamento uma verba de despeza para Maria, passada desde logo á grande classe inactiva.

A esmola era pequena e paga com atrazos e reduções. Maria trabalhava em costura, e ensinava as filhas dos lavradores visinhos para se remediar.

Angela, orçando pelos quinze annos, viçou em graças de corpo á competencia com as da alma. Tinha bellos olhos negros; mas a bondade do coração, que se espelhava n'elles, realçava-lhe o encanto e a poesia melancolica da innocencia infeliz. Apesar do descuido em que trazia seus dons ignorados, não tinha Angela que invejar ás mais brancas e mimosas cutis que, nas cidades, se resguardam dos ares molestos; mais linda era, porém, que todas, quando o escarlata do pejo lhe retingia o rosto. Então logo se via que era do sangue alvo-raçado o córar de Angela, porque ha um córar mechanico, coisa muito engenhosa, a que talvez deva chamar-se *«talento de córar»* e que serve para encobrir as desgraças da alma, á similhaça do carmin as do rosto.

Acaso a vira n'essa idade o pae, volvendo de viajar alguns annos. Gostou de vê-la assim bonita; liberalisou-lhe algumas palavras affectuosas, e dinheiro para se vestir com mais acceio. Não foi de certo o amor paternal que o instigou áquella dadiva; seria antes a vaidade do artista que se orgulha da sua obra, sem que o coração quinhõe d'esses enthusiasmos.

Maria, enganada pelo insolito favor, animou-se a ensinar a filha a pedir ao fidalgo um dote, ou alimentos certos para entrar com sua mãe n'um recolhimento. O morgado prometteu uma das duas coisas, e morreu mezes depois sem cumprir alguma.

Apossaram-se de tudo os successores do vinculo, e olharam impassiveis a filha natural que fora ajoelhar ao pé da eça de seu pae.

Este nobre porte de Angela, que não herdára um farrapo do fidalgo, sensibilisou uma prima de seu pae. Apoz o sentimento, veiu a vaidade de se fazer louvada por uma acção apparentemente generosa, e logo chamar para si a filha natural de seu defunto primo.

Era de Guimarães a sr.^a D. Thomazia de Noronha. Ao primeiro chamamento, Angela perguntou se sua velha e pobre mãe havia de ir com ella. Respondeu a fidalga com rasões negativas. Angela agradeceu o beneficio, reservando o acceital-o, quando sua mãe compartisse da esmóla. Esta humilde e respeitosa recusa, pareceu excitar a mais a caridade da sr.^a D. Thomazia. Maria foi chamada com a filha. Ainda assim, oscillaram longo tempo na partida, pretextando doenças. É que as não deixava sair a saudade da casinha em que dezeseis annos tinham vivido no amor, na pobreza, ás vezes na penuria, na oração, na esperança e nos desenganos, recebidos com lagrimas, mas lagrimas sem o desesperar e o blasphemar d'aquelles que a um tempo negam Deus e o accusam de injusto.

A mãe de Angela, sacrificando ao melhor porvir de sua filha a socegada pobreza a que se affizera, cerrou os ouvidos da alma ao vaticinio de voz intima que a magoava, e foi para Guimarães vertendo na soleira da porta da sua casinha as mais sentidas lagrimas que ahi chorára em dezasete annos. Invejavam-lhe o destino as visinhas que a viam carpir-se, julgando-a louca por deixar chorando uma casa terrea, desaconchegada, onde algumas vezes se não fazia lume, ao passo que as estava esperando um palacio, mesa farta, divertimentos, e occasião de pagarem com mãos largas os favores que tinham recebido d'ellas visinhas.

Recebidas em Guimarães na casa da philantropica senhora (*philantropica* chamou o jornal da terra no dia seguinte ao da recepção á sr.^a D. Thomazia de Noronha), deram graças a Deus. Angela fôra acolhida pela prima de seu pae, e filhas d'esta com algum agrado; Maria porém, achára um ar de glacial indifferença, se não desprezo. A pobre velha acceitava contente esse desprezo, vendo que sua filha era tratada d'outro semblante.

Cá nos vem outra vez aprosar a historiasinha o sr. Manoel Antunes Roboredo. Era este primo tambem das sr.^{as} Noronhas, e visita frequente, durante a sua residencia no solar, onde passava o verão.

Quizera D. Thomazia cazal-o com uma de suas filhas, feias meninas, e estupidas, mais que o toleravel ainda nas galantes. Além de feias, e estupidas, eram pobres, por que havia varão na casa, e os bens livres repartidos não davam seiscentos mil réis para cada uma das quatro senhoras. Com astuciosas evasivas desvanecêra o morgado o projecto de casamento, a que elle n'outro tempo accedêra; mas o despeito lá ficou no peito da velha, e mais ainda no da filha, que, desde os quatorze annos, se enfeitava para esposa do primo Manoel, e se via aos vinte e cinco, solteira, perdido já aquelle viço juvenil, que neutralisa a fealdade.

Estavam cortadas as relações de Manoel Antunes com as sr.^{as} Noronhas, quando eventualmente as encontrou com Angela. Venceu a curiosidade, o pejo e a repugnancia. O morgado visitou suas primas, deu e ouviu explicações, fez reviver as mortas esperanças, e reatou o fio da assiduidade nas visitas.

Que feia verdade eu tenho de dizer!... Vá, porque é verdade. Era Manoel Antunes, com a sua masmarra cabeça, um homem perigoso para Angela, que nunca víra ao pé de si outro que se lhe avantajasse em urbanidade, delicadeza, e bons modos. A familiaridade com que o recebiam, a franqueza provinciana com que era acceito ás sr.^{as} Noronhas, desvaneceram o natural assustadiço de uma rapariga, vinda do campo, e só acostumada ao tracto grosseiro dos seus eguaes, ou ás amabilidades lorpas e attrevidas de algum estudante de clerigo que vinha de Braga a ferias.

Angela, no entender de suas primas, era uma pobre idiota, que fazia rir com a sua innocencia. Aquella, ouvindo fallar as meninas, dizia em segredo a sua mãe que ellas não pareciam educadas n'uma cidade. Não obstante, na presença do morgado, cujos olhos se não desfitavam d'ella, Angela era desafiada pelas meninas a conversar sobre assumptos de coração. Estabeleciam-se theses de amor, muito de industria trazidas para zombaria de Angela. Riam-se todos da candura da moça, e Manoel Antunes, para não tornar-se suspeito por sua seriedade, ria-se tambem contrafeito.

Se aos espertos e amestrados espiritos é impossivel, com arteficio e calculo, esconder o coração que todo se denuncia nos olhos e confessa nas palavras, mal poderia Manoel Antunes, asselvajado de sua natureza, esconder ás vistas velhacas de D. Thomazia o seu amor a Angela.

Apenas a presumptiva noiva, avisada pela mãe, deu fé da deslealdade do primo Manoel, rebentou de subito a conjuração contra a rapariga.

Viu ella em todas as physionomias o aborrecimento e a zanga, e em todas as palavras remouques e insultos. Queixou-se á mãe, e esta, estranha á causa de tamanha mudança, recommendava paciencia a Angela, e pedia-lhe que trabalhasse com as creadas para ganhar a amizade das senhoras. Nem o trabalho, nem a humildade conseguiam abrandar os despresos das fidalgas.

Maria procurou uma vez D. Thomazia, e fallou esta linguagem, que tirava das lagrimas toda a sua eloquencia:

«Minha senhora, eu e minha filha estamos sendo pesadas n'esta casa. Viemos ha tres mezes da nossa cabana, e todos os dias choramos por ella...

—Choram?!—atalhou colerica D. Thomazia—isso bom remedio tem: é tornarem para lá, que não deixam saudades.

«É o que faremos, se Deus quizer, minha senhora; mas antes de sairmos, vinha eu, se não offendo a v. ex.^a, perguntar que mal fizemos, eu e minha filha, para merecer o desprezo d'esta familia que nos recebeu com tanta caridade.

— Se o quer saber, saiba que a sua filha tem pouco miôlo, percebe? — redarguiu a fidalga bracejando e tregeitando os mais plebeus ademanes. — Lá por que se viu no meio de senhoras, entendeu que o era, e entrou a bacharellar como as minhas filhas. Viu aqui meu primo morgado do Roboredo, e entrou-lhe na cabeça a toleima de o namoriscar. Forte pancada!

«Será isso aleive, minha senhora? — disse Gertrudes erguendo as mãos sobre o seio.

— Não me desminta! — bradou D. Thomazia. — Meu primo anda doido por ella. Ha tres dias que não vem a esta casa, porque sua filha deixou de apparecer-lhe.

«Mas, se assim é, bem pôde ser que a minha Angela não tenha culpa... Os homens tem lá as suas idéas, e uma rapariga não deve perder só porque cahiu em graça d'elles.

— Vocemecê é uma pobre creatura que não sabe nada do mundo, senhora Maria — tornou D. Thomazia sorrindo em ar de mofa. — Se quer vê-la confessar sem o querer, chame-a, e pergunte-lh'o.

«Pois sim, minha senhora, eu vou chamal-a, e Deus me ajude.

Foi Maria ao quarto de Angela e disse-lhe:

«Vem comigo.

Entraram na sala, onde a fidalga, recostada n'uma othomana, cruzando os braços sobre os impinados seios, bambôava uma perna.

«Ella aqui está; — disse Maria — v. ex.^a pergunte-lhe o que quizer, porque eu não tomei bem sentido no que me disse.

— Disse-lhe — interrompeu com vehemencia D. Thomazia — que sua filha, esquecida da humanidade e modestia com que devia receber e agradecer a esmola de consideração que lhe dei e minhas filhas, ousou acceitar a côrte do primo Roboredo.

Angela ergueu os olhos do chão, e fitou-os, embaciados de lagrimas, nos olhos interrogadores de sua mãe.

«Que respondes, filha?

— Que hei de eu responder, minha mãe!! A senhora D. Thomazia está enganada — disse Angela com angelica brandura.

«Estou enganada?! Enganada está a menina. Cuidou que vinha lograr-me lá da aldeia?! Talvez não saiba o que é *acceitar a côrte!*?

«Não sei, minha senhora.

— Que lhe tem dito meu primo?

«O que v. ex.^a e mais as meninas tem ouvido.

— E não lhe escreveu?

«Escreveu, sim, minha senhora.

—Vê, sr.^a Maria?! — exclamou D. Thomazia, erguendo-se de um salto. — Vê como ella confessa? Quer agora a coisa mais clara?

«Pois esse senhor escreveu-te, Angela?! — disse Maria palida e convulsa.

— Escreveu, sim, mãe.

«O mariola! o patife! o seductor! — bradou D. Thomazia. — Que lhe diz elle na carta, menina?

— Não sei, minha senhora. A carta, que me foi dada ha meia hora, não a abri ainda. Ella aqui está; póde v. ex.^a lêl-a. A minha tenção era mandar-lh'a fechada logo que tivesse por quem; mas, se a sr.^a D. Thomazia quer lêr, leia.

D. Thomazia ficou enleada. A brandura de Angela, offerecendo-lhe a carta, era já como um castigo. Já mais indignada contra o primo que contra Angela, tomou a carta com bom modo, e disse:

«Eu responderei ao tratante, a menina não tem culpa.

II

Não podémos obter copia authentica da carta de Manoel Antunes. Apenas, se a memoria nos é fiel, podemos eternisar algumas phrasas que infureceram D. Thomazia de Noronha. São as seguintes:

Minha prima Thomazia é uma fidalga com menos intelligencia que a cosinheira Gertrudes... As priminhas só são uteis ao genero humano quando lançam os ovos ás galinhas chocas... Angela, no meio d'esta familia lorpa, parece um brilhante engastado n'um anel de cuquilho... A prima Amelia que a mãe velhaca me queria empurrar á força de caretas amaveis, é feia como a parca mais feia, e abominavel como um dia de inverno em Guimarães... Eu medito, noite e dia, em arrancar o anjo celestial ao contacto das minhas infernaes priminhas... etc.

Ha uma certa originalidade n'este dizer de Manoel Antunes. Temos pena de não possuir completa essa carta que D. Thomazia mostrava com estúpida sinceridade, e com que muita gente morreu de riso.

Lendo a carta em presença das filhas, chamou Angela e Maria para lhes dizer que não podiam continuar em sua casa a serem motivo para que um degenerado parente insultasse as donas d'ella. Maria respondeu, chorando, que tornariam a ganhar o pão de cada dia, com paz e honra. D. Thomazia replicou que, á vista da carta, Angela não tinha mais que acceitar o amor de Manoel Antunes, e passaria de moça pobre a ser, senão rica, ao menos uma digna morgada de Roboredo.

A isto, romperam todas as mêninas n'uma gargalhada alvar. Angela fez-se escarlate de raiva. Maria encolhendo os hombros como

quem diz «sofframos com paciencia,» saiu e mais a filha da presença das senhoras, que se ficaram deliciando longo tempo no dito zombeteiro de sua mãe.

N'esse mesmo dia, as duas creaturas, com semblante alegre, e a pequena bagagem que haviam trazido tres mezes antes para Guimarães, caminhavam para a sua casinha, quando Manoel Antunes lhes sahiu ao encontro, dizendo-lhes que esperassem as cavalgadas que elle mandára ali trazer para as conduzir. Maria rejeitou o favor sem altivez, e Angela queria em seu coração acceital-o. O morgado adivinhou que a mãe de Angela sabia da carta, e voltou admirado do senhoril character da mulher do campo.

Ora, Angela era em verdade uma creatura para se amar. Que ar tão engraçado sem presumpção, que frescura de pele, que olhos tão fagueiros, que bonitesa tão da primavera da vida em que as flores d'alma emprestam ás do corpo os seus perfumes!

E quem dirá que no espirito de Antunes havia moldura de poesia onde se enquadrassem as ideaes imagens que alindavam, á mingua de enfeites da arte, o natural mimoso de Angela! Pois havia, e era homem aquelle desalinhado Manoel Antunes para amar, e apaixonar-se, para esquecer-se do seu programma de casar rico, e doidejar como os espiritos altaneiros que levantam um padrão de amor sobre as ruinas dos interesses mais caros e positivos da vida sublunar.

Cuidam, por tanto, que o morgado de Roboredo casou com Angela?

Bom seria isso para regalo das almas poeticas e generosas, e edificação dos meus nobres amigos acorrentados ao calcanhar de uma velha, cotada em cincoenta contos na praça; mas assim acabava aqui o conto, e os olhos do leitor ficavam enchutos, e a verdade da historia era immolada a um sorriso da sã moral.

Vamos entrar n'uma pagina em que o leitor se ha de espantar da economia de epythetos vingadores que eu, para eterna memoria, adcrevo a Manoel Antunes.

Angela não mostrou a sua mãe a segunda carta que recebeu, nem a dadiva que, mui delicadamente offerecida, acompanhava a terceira carta. Era dinheiro. Angela devolveu-o, dizendo com infantil simplicidade que o acceitaria, quando o seu trabalho não podesse bastar á sustentação de sua mãe enferma.

O ensejo condiccional chegou, quando a providencia parecia adormecida. Maria adoeceu; com a enfermidade entrou a fome: o pouco da casa não valia seis visitas do cirurgião. Tudo se vendeu ao cabo de dois mezes de enfermidade e desamparo; tudo, menos a honra.

Manoel Antunes passava um dia á porta de Angela: ouviu o grito convulsivo da desesperação, e viu sairem e entrarem mulheres enxugando com os aventaes as lagrimas. Maria tinha morrido, e as visi-

nhas combinavam o repartirem entre si os encargos da sepultura. O morgado entrou no sobrado de Angela, chamou-a com palavras de reanimadora compaixão, e quiz desabraçal-a do cadaver da mãe. O corpo inerte obedeceu; mas o espirito fôra de certo acompanhar o de Maria até ás portas da bemaventurança, e voltou.

Voltou, para se vêr em face de um homem que lhe dizia: «Deixa esta pobre casa, e vem para onde te esperam dias de contentamento.»

Angela comprehendeu que estava perdida no conceito d'aquelle homem, e viu o mundo a um clarão do inferno. Quem acabou de lhe arrancar a venda da innocencia, foi, estando ainda sua mãe quente na sepultura, uma amiga d'esta que lhe pintava, industriada pelo morgado, as vantagens do viver que elle queria dar-lhe.

Estava Angela uma noite de dezembro sósinha em sua casa, resando a corôa da Virgem. A luz unica era a da lareira, luz que desenha phantasmas, e augmenta os sustos dos ruidos exteriores.

Bateram á porta: ella ergueu-se tremula, escutou, e ouviu o tropear de cavallo, e a voz do morgado. Á terceira pancada, fugiu por um postigo que se abria sobre extensos campos contiguos á casa. Na extremidade d'esses campos havia um magestoso edificio recentemente construido, e n'essa noite havia ahi uma festa. O proprietario d'elle era um brasileiro, que festejava os annos de sua velha mãe, e reunira parentes e amigos d'algumas leguas em circumferencia.

Angela entrou no pateo da casa do homem rico: alguns familiares do brasileiro, vendo a moça afflicta, que pedia a protegessem de uma desgraça que não declarava, julgaram-n'a doida, e chamaram o dono da casa. O brasileiro desceu ao pateo, e conduziu a moça á presença de sua mãe. Esta, quando a viu, disse: «é a filha natural do fidalgo da Capella. Endoideceu, talvez, com paixão da mãe!... pobre Maria, que tão castigada foi! Dêem-lhe de comer, que terá fome!»

Quizeram que Angela fallasse. Contou ella, chorando, o motivo da sua fuga. Correram alguns homens á porta de Angela, e não viram ninguem, mas ouviram o tropel accelerado de cavallo.

No dia seguinte, Angela quiz tornar para a sua casinha; mas o brasileiro disse-lhe que o seu quarto era ao pé do de sua mãe. Angela conhecia dois homens no mundo, e cuidou que o segundo era igual ao primeiro. Instou por que a deixassem ir viver do seu trabalho, e ensinar outra vez as meninas da aldeia. Convenceram-n'a a ficar os rogos da mãe do brasileiro.

Manoel Antunes já se disse que estava apaixonado; e em cabeças do tamanho e regidez craneana da d'elle, idéa que entre nunca mais saiu. Sabia que Angela estava em casa do brasileiro: atacou-o o ciúme escoltado de furias, que o obrigavam a vociferar soliloquios desde a blasfemia até á tolice. A idéa do casamento visitou-o como um recurso

salvador. Mandou fallar a Angela pelo vigario da freguezia, e Angela respondeu que em quanto tivera mãe, casaria para lhe dar um fim de vida mais descansado; mas, sósinha no mundo, o fructo do seu trabalho seria que farte alimentação para ella.

Antunes, ouvinda a resposta, partiu para o Porto, entrou no Lusitania, e veiu para Lisboa requerer uma delegacia, como distracção. Apaixou-se por uma bailarina do theatro de S. Carlos, e vendeu a cortinha do Quinchoso para alimentar o fogo sagrado da vestal, que soffria tentações de infringir os votos quando se via ás escuras. Ao cabo de tres annos, o bacharel Manoel Antunes de Roboredo arrancou a um ministerio moribundo um despacho para uma comarca sortaneja onde se faz justiça de moiro.

Tornemos a Angela.

Passava eu uma vez n'uma estrada do alto Minho, e parei defronte de uma casa, cujas portas estavam adornadas com arcos de flores. Perguntei que contentamento se expandia nos zabumbas, e clarins, e descargas que atroavam aquelles montes e valles. Disseram-me que casava n'aquelle dia o sr. Manoel Antonio Francisco, brasileiro muito rico, com a sr.^a Angelasinha. Estava a pessoa interrogada a mostrar-me a casa onde nascera Angela, quando os noivos, vindos da egreja, se avisinharam de mim, com um numeroso cortejo. O brasileiro, com bonacheirona franqueza, convidou-me a jantar, logo que eu lhe tirei o meu chapéo, e apeei para segurar o cavallo que o tiroteio amedrontava.

Assisti ao mais abundante, ao mais portuguez, e alegre jantar da minha vida.

Detive-me quatro dias em casa da ex.^{ma} sr.^a D. Angela, e d'ella e de seu marido ouvi a historia que, obtida licença previamente, publiquei, e vou terminar, pedindo ao leitor, que, se algum dia fôr ao Minho, procure a casa do sr. Manoel Antonio Francisco, peça agasalho, que o ha de ter regalado, e contemple o que é a verdadeira felicidade conjugal.

Se depois voltar por Guimarães, peça o leitor que o apresentem em casa das sr.^{as} Noronhas, e verá o que são mulheres tolas e feias.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

A GUERRA DE MARROCOS

•Por que estes Moiros, recebam de nós aquella
vingança, que os imigos soem receber de seus
•contrarios, quero que saibaes como é minha
•vantade, que vamos ao Castellejo, por que som
•certo pelas espias, que laa mandei, que moram
•hy peça de Moiros.»

Conde D. Pedro — CHRON. DE AZURARA.

I

Pelos fins de julho do anno de 1415, dia de S. Thiago, em frente do Restello, ondeavam innumeraveis as bandeiras portuguezas nos topos dos mastros. A infinidade de galés e náos, de que o rio parecia coahado, principiava a desferir as vellas, como um bando de aves aquaticas pairando em burburinho antes de rasgar o vôo. Era apertada a faina a bordo, fervoroso o bulicio em terra, contínuo o enxamear dos bateis, que iam e vinham, forçando os remos, para conduzir os que á praia accorriam, chamados da amurada dos navios com alegre impaciencia.

Alvorecêra o dia tumultuoso e como de festa. Apesar de recente ainda o lucto de uma rainha, amada do rei e do reino, não se viam almáfegas nem bureis. Brilhavam as cotas variegadas e ás plumas arrogantes. Fluctuavam as signas e balsões. Reluziam as lanças e escudos, os elmos e arnezes. Atroavam os ares os sons bellicos dos atabales, sacabuxas e trombetas reaes.

Se havia angustias de despedida, receios ou incertezas do futuro, não ousavam de apparecer sob este lustre de gallas e alvoroços de abalada.

Ordenára-o assim o proprio rei viuvo, um grande rei de grandes homens, um grande pae de uma grande raça. Quizera-o d'este modo manifestar como os soberanos devem pôr acima das dôres humanas o engrandecimento dos povos, que Deus lhes confiou. Intentára tambem celebrar, de um modo proporcional a seus vastos designios, a idéa fecunda, que n'aquelle dia se iniciava.

Foi um rei e um homem ás direitas aquelle rei D. João, que a historia chamou o primeiro no nome e nos feitos, e a posteridade honrou

justamente accrescentando-lhe a qualificação — de boa memoria. Vê-se o que era pelos espiritos que legou com o exemplo a seus filhos, admiravel pleiada de principes, bastante para dar fama a um povo. Com elle soldado e reformador, começou a edade varonil de Portugal. D'elle se deriva o periodo mais brilhante da nossa historia.

A mesma espada, que tão bem servira ao rei cavalleiro para lhe segurar na cabeça a corôa disputada, não lhe soffrendo ocios, estava já fóra da bainha para accrescentar e dilatar o reino. N'aquella armada ía em pessoa, com os cinco infantes, e a flôr da sua nobreza, criada e apurada na rude escôla do velho condestavel. E tambem esse estava presente, como guia e mestre dos muitos, que pela primeira vez se íam a menear o pesado montante dos heroes de Aljubarrota.

Todo este armamento e expedição eram para a Europa um mysterio, para o povo um assombro, para o conselho uma duvida, para a propria milicia um terror. Para os moços principes era porém uma ardente aspiração; para o rei uma resolução inabalavel, como as elle sabia tomar e impôr. Empregára secretamente as mais prudentes artes para investigar, prevenir e acautellar a empreza. Levava comsigo para a tentar e consummar os homens mais aptos, como quem usava com tanto acerto discernil-os e aprecial-os, virtude principal dos monarchas. Não o inquietavam murmurações nem agouros, por que bem conhecia elle que no arremeço e na occasião nenhum dos seus cavalleiros faltaria ao que d'elles esperava a patria.

Saudosos tempos de grandeza e gloria foram esses, em que o povo portuguez maravilhava o mundo com a audacia dos seus committimentos, porque tinha fé — fé em Deus, fé em si e fé no futuro! Chorados tempos, em que a emulação do nome, a honra dos applausos e o amor da patria faziam tentar e realisar impossiveis. Tinhamos então vida, acção e enthusiasmo. As altas concepções eram poderosos incentivos. A heroicidade não provocava as ironias, nem o calculo zombava dos sacrificios.

Agora...

Ao pôr do sol d'aquelle dia memoravel a praia do Restello estava nua e deserta. Apenas algum pescador estendia as redes no arenoso terreiro, d'onde hoje se levantam os porticos amarellentos do soberbo mosteiro de Belém, monumento em que revôa triste o passado esplendor, mausoleu de insignes memorias guardado de profundas saudades.

Levantára ferro a armada. Já lá ía mar fóra levando Cesar e a sua fortuna!

Não era ainda passado um mez, a 21 de agosto d'esse mesmo anno, apoz um dia inteiro de batalha, Ceuta a mauritana, a antigo Septa dos romanos, inopinadamente rendida, via tremular o estandarte das quinas nos bastiões da sua alcáçova.

De um a outro lado do Estreito a improvisa conquista deixára attonitos os povos!

Seguiram-se dois seculos de incessante pelejar. Succederam as gerações ás gerações, e os campeões das duas crenças continuavam com a mesma furia nas vertentes do Atlas o repto começado no coração da Peninsula.

A epopéa de Africa em nada é inferior á epopéa do Oriente. Se era mais limitado o campo, eram mais guerreiras as gentes. Os boletins de hoje renovam a glorificação de nossos avós!

Esses kabilas selvagens, que o fanatismo leva á temeridade, que buscam a morte como um principio de eternas voluptuosidades, são os descendentes, os herdeiros, os continuadores d'aquelles bellicosos alarabes, que as nossas chronicas tanto celebram. O typo conserva-se sem se desmentir. Mais de uma vez a parte official reproduz sem o pensar as observações dos velhos annaes. São os mesmos alaridos no accommetter, o mesmo impeto no assaltar, a mesma presteza em se retrahirem á aspereza das suas guaridas, para volverem refeitos, intrepidos e infatigaveis.

Nas feras tribus do Maghreb não é este um estado penoso: é a vida cobiçada; é um festejo quotidiano. Todas as suas lendas estão cheias de memorias que as incitam. As narrações paternas estimulam desde a infancia os mancebos familiares com as armas. Com as idéas da nossa civilização commodista não se comprehende a que subido gráu de exaltação leva esta historia oral, perpetuada sob a tenda, recolhida por imaginações ávidas, que um sangue ardente provoca, meditada entre fragas, com os tufões do deserto a um lado, e ao outro as tempestades do mar.

Sabem-n'ò agora os soldados hespanhoes, que presenceiam a braveza d'aquellas bordas indisciplinadas. Nas mãos d'ellas brilha ainda, e muitas vezes brilha e mata como o raio, a terrivel *gumia*, ha quatrocentos annos famosa nos nossos fastos africanos. Apenas a longa escopeta substituiu a azagaia e a lança. Em nada mais ha differença.

Esses homens, que vem expirar á bocca dos canhões, e afferram e mordem como tigres os seus contrarios quando as armas se lhes quebram nas mãos, esses indomitos serranos, que separados na refrega, cortados, isolados, cahem até ao ultimo sem nunca se renderem, tem a dupla energia do fatalismo e da barbarie, e são inimigos que fariam desmaiar muitas das mais aguerridas tropas manobreiras. Derrotados um e outro, e outro dia, tornam sempre mais ousados, como Antheo tocando a terra. As suas brenhas inaccessiveis abrolham-se de um para outro instante de novos soldados. O recrutamento está sempre feito onde toda a nação é exercito.

Taes são hoje, taes eram nos portentosos dias da antiga conquista.

Todo o coração portuguez estremece de magoa e de ufania lendo as participações dos nossos denodados visinhos — de magoa pelo que choramos, de ufania pelo que fizemos!

Aquelle aspero littoral por nós senhoreado; Ceuta, Tangere, Anafa, Mazagão, Azamos, Alcacere-Seguer, Tetuão e Azafi invadidas e avas-saladas; as tribus convisinhas alliadas ou tributarias; as correrias dos fronteiros alongando-se ás lapas mais reconditas, aos pincaros mais agrestes, aos mais invios sertões, aos alcantis mais bravos, arros-tando a um tempo a natureza, as feras e os homens; as nossas muralhas resistindo impavidas ao embate das hostes innumeraveis e ás estreitezas da ultima penuria em largos assedios; a nossa bandeira dominadora, temida, honrada e victoriosa, tudo isto revive agora com esses nomes, cheios de recordações, que nos volvem os olhos razos d'agoa aos brazões que ali semeámos.

Diz-nos tudo isso o que foram e o que acabaram nossos paes; um D. Fernando e um D. João de Menezes; um D. Vasco Coutinho; um Nuno Fernandes de Athayde, o incansavel capitão, que morre motejando o inimigo; um Lopo Barriga, o destemido adail, que vai cravar a lança nas portas da cidade imperial de Marrocos, e dilacerado e captivo faz ainda tremer os seus verdugos; um conde D. Duarte, o Achilles africano; finalmente, exemplo de todos, um conde D. Pedro, o primeiro capitão de Ceuta, que sem descanso combate vinte e dois annos, só ao cabo de dezeseis despe o arnez gasto do corpo e dos golpes, e, firme no meio das multidões embravecidas, detem com o peito o impeto mauritano, legando a todos os do seu nome lições de heroicidade, nobremente seguidas.

No meio do infortunio e dos revezes ha ainda um justo orgulho em descender de taes homens!

Esta Ceuta, que hoje serve de base de operações ao exercito hespanhol em Africa, é a que assim foi ganha e sustentada com ferro e sangue portuguez. Se não nos é dado acompanhar as legiões expeditionarias, consolemo-nos ao menos com o que n'essas plagas deve ser indelevel — a memoria das vidas que demos por ellas, o arrojo de haver commettido a empreza!

Se era arrojo grande está-se vendo agora!

Do convez das gallés passaram os assaltantes á coroa dos baluartes, sem mais apoio do que o esforço dos seus animos e dos seus braços. Nem as tormentas do Estreito, nem a resistencia de contrarios, que feriam como quem defendia os lares, lograram suster-lhes o passo. Pelas difficuldades actuaes se ha de medir a temeraria audacia de um feito percursor de tantos outros.

E a importancia da cidade, reputada metropole maritima da costa mauritana, era então bem mais consideravel do que hoje. O serro de

Gibraltar a velha *Calpe*, uma das columnas de Hercules, figurava mais pela sua denominação legendaria do que pela sua valia militar, e em tão pouco era tida ainda que se julgou nem merecer as honras de uma investida. A sua vizinha e competidora, situada na extremidade Leste do Estreito, sentinella avançada da Africa, solidamente assentada n'uma projecção, escarpada para o Mediterraneo, facilmente defensavel do lado de terra, avantajava-se-lhe em tudo. D'ali tinha jorrado a torrente agarena que inundára as Hespanhas. Ali se aninhavam os atrevidos piratas, que infestavam a passagem, tributando o commercio de todas as nações, e assollando as fronteiras maritimas da Peninsula. Ceuta era para a potencia africana quasi uma testa de ponte; era para os povos proximos uma eterna ameaça; era para a Europa uma vassallagem vergonhosa!

À orla da cordilheira da Almina, a celebrada *Abyla* (hoje a montanha de Acho ou Hacho) gemea da fronteira *Calpe*, no proprio lugar onde o infante D. Henrique, instigador provavel da expedição triumphal, primeiro poz pé com tanto accordo como ousadia, muita vez affluiram os cavalleiros do Maghreb prolongando a lucta heroica aos herdeiros de Pelayo. Estavam ali os maximos interesses, esperanças e memorias do poder mauritano, enlevado na Peninsula, cujas saudosas delicias o convidavam sempre.

Já se vê se a população seria numerosa e o posto bem guardado!

Não lhe valeu todavia, e a christandade e as Hespanhas, desaffrontadas pela espada vencedora de um rei portuguez, não o hão de ter esquecido, não podem esquecer-o sem grave ingratição.

Ceuta é a chave do continente iberico, e só deve estar em mãos christãs. Quem tão acertadamente o entendeu, e tão resolutamente o conseguiu, justo é que reviva na lembrança e no louvor, quando a Europa attenta confirma com os seus applausos a idéa de continuar por aquellas partes a já começada expugnação da barbarie.

II

A côrte de Madrid invocou a necessidade de castigar as offensas contra a nação e a humanidade. É o dever dos governos briosos. A mourisma da costa, como a das serras, não desdiz ainda das praticas da sua raça, apesar de enfreada pelo desenvolvimento da marinha militar nos estados europeus, e pelo enfraquecimento dos portos barbarescos. Os pavilhões de diversos paizes tem sido gravemente insultados n'aquellas paragens; um principe da Prussia ali foi recentemente ferido por uma bala kabyla. Ao poder hespanhol, mais do que a nenhum, cabia desaggravar estas injurias e as suas, pois que já lá tem armas e reductos.

A campanha d' Africa foi pois emprehendida com rasões plausiveis de decoro e pundonor. Quando, como, onde parará, é menos facil explical-o.

A Africa é um paiz fecundo, que só carece de melhor cultura. O ferro prepara a cultivacão.

Em torno da questão marroquina ha outras de geographia commercial e de senhorio maritimo. Porêmos estas de parte, já porque não é opportuno tratá-las ainda, já para nos não destrairmos em particularidades que nos levariam muito longe. Diremos só que mal se escoram os interesses quando não reconhecem em todos as mesmas bases de justiça e o mesmo sentimento de dignidade. Nas coisas maximas, como nas intimas, a politica de dois rostos é uma politica de ordinario nefasta aos que a professam.

A guerra de Marrocos é em Hespanha uma guerra popular. Conceberam-n'a talvez intuitos politicos: determinou-a irresistivelmente o impulso nacional. O espirito publico, subitamente agitado por este forte estimulo, exalta-se com o fogo do enthusiasmo. N'este sentimento commum apagam-se as porfias partidarias, os odios, as competencias, as rivalidades. Ante o nobre proposito de vingar os ultrajes da bandeira e resuscitar as glorias patrias dão as mãos os mais entranhados antagonismos, esquecem os aggravos internos, fundem-se n'uma só aspiracão as aspiracões parciaes. Todos o podem fazer sem desar: a honra da nação domina o conflicto das opiniões.

Ahi está como o santo amor da terra natal levanta e retempera os povos. Em quanto scintilla uma faisca d'esta chamma regeneradora ninguem deve desanimar. Por mais que se recate dos olhos ha de achá-la o instincto. Lá se concentra a vida, a esperança, o futuro. Vem o dia em que sopra as cinzas uma tempestade de indignacão, um vendaval de ira, e a faisca é incendio. O incendio depura.

Os corações, que se reputavam adormecidos n'um longo turpor, estremecem; os animos, que se julgavam resfriados pelo scepticismo, inflammam-se. Estes inesperados despertamentos zombam dos calculos, das especulações e dos vaticinios. As nações tambem ás vezes se erguem da cova despindo a mortalha como Lazaro. A convulsão termina o lethargo. Quem quer inertes os povos para os ter subjeitos, encontra-se com a fé que lhe restitue o vigor e as armas.

É uma paixão, diz-se. Seja. Em bem será. Pois não é a paixão que faz as grandes coisas?

A guerra d' Africa tem na Peninsula o prestigio das tradições. As tradições pertencem á poesia, e a poesia é o elemento conservador das nacionalidades. As nobres memorias incitam os nobres sentimentos; os nobres sentimentos persuadem as nobres acções.

As idéas francamente populares tem uma genealogia e um braço. Procure-se, e ha de achar-se-lhes a progenie. A heroica furia da independencia, que no principio d'este seculo engrandeceu o povo hespanhol, não procederia do affecto ao sólo, criado pelas suas antigas

instituições locais? Por que não serão também os dias de Isabel II como a sequencia de uma empresa interrompida, mas não abandonada desde os dias da primeira Isabel? Ha aqui mais do que uma approximação de nomes; ha um parallelo de factos.

Que a Hespanha se contentasse com a expulsão dos seus invasores, podia bastar nos primeiros tempos de liberdade. Hoje precisa mais. Deve-o a si, á christandade e á civilisação. Cumpre-lhe policiar as costas em que tem dominio. Incumbe-lhe não tolerar á vista da sua bandeira, ás portas dos seus presidios, nem ataques á liberdade dos mares, nem insultos ás leis da boa convivencia. Os povos, que avançam no caminho da fraternidade humana, tem uma obrigação de propaganda, que não podem obscurar, se querem obter e justificar a primazia. Quando lhes relucta a insociabilidade e a fereza dos costumes, fundada n'um dogma de fatalismo inaccessivel ás conquistas do progresso, é dever debellar as resistencias e attestar a superioridade. Contra a força só a força; contra força obstinada, que repelle a communiidade, a força intelligente, que a protege e a amplia.

A nação hespanhola, lembrada dos altos exemplos da sua historia, e por ventura electrizada de grandes aspirações e de grandes esperanças, surgiu como surgem os povos em quem não morre a fé. É bella, é magnifica a sua attitude. Do primeiro até ao ultimo a espontaneidade do impulso é assombrosa. A Grandesa do reino, por meio de uma deputação especial, faz chegar aos pés do throno estas palavras memoraveis:

«No dia em que o governo de V. M. julgar necessario-recorrer ao «seu auxilio (ao d'aquella Grandesa), não se limitarão os membros «d'ella ao pagamento das contribuições ordinarias e extraordinarias, «que lhes cabem, como proprietarios, na actual lei de impostos; acu- «dirão sem vacillar a cobrir os accrescimos que exigirem as circumstan- «cias, por que, Senhora, as pessoas e os patrimonios da classe em cujo «nome falla a deputação pertenceram sempre aos seus reis e á sua patria.»

Um mero funcionario, consagra uma somma relativamente importante ao primeiro soldado, filho de paes incognitos que ficar invalido em consequencia da guerra.

Muitos povos, corporações e individuos instituem recompensas analogas. As provincias offerecem companhias. Particulares mesmo, no continente e no ultramar, as recrutam, as armam, as pagam e as municiam á sua custa. Os donativos das municipalidades e das familias são innumeraveis. Oito mil voluntarios sahem a infileirar-se nos batalhões destinados á Africa. Os terços vasconços, organisando-se espontaneos, pedem com impaciencia a ordem de marcha e occasião de assignalar o seu antigo e hereditario valor. Um patriotismo unanime e ardente sobressalta, percorre e abraça todas as classes.

Na magnifica sessão de 22 de Outubro, por motivo da declaração

de guerra, o Congresso dá o exemplo d'este nobre accordo que põem a honra e a gloria do paiz acima de todos os interesses. Ayalla, Gonzales Bravo, Olózaga, Calvo Ascencio e Mazo, em nome de todos os partidos e de todas as intelligencias, unem-se para apoiar e rebustecer o governo, que emprehe a desaffronta do decoro nacional. São bellas as palavras que nos corações fazem vibrar aquellas vozes eloquentes.

Gonzales Bravo diz :

«Que me importa permanecer annos e annos combatendo d'aqui as «opinões e os actos do actual gabinete? Que me importa que os meus «compartidarios se conservem afastados das doçuras do poder? O que «importa é que triumphe Hespanha e a nossa bandeira. O que im- «porta é que se salve a dignidade e os grandes interesses da nação.»

Mazo diz :

«Se não houver soldados bastantes, aqui estamos nós para vestir o «uniforme e empunhar a espingarda que nos ha de dar a victoria!»

Olózaga diz :

«Este dia não é de discorrer, senão de sentir. É dia de dar todo o «nosso apoio ao governo, e dizer á Europa que a nação hespanhola váe «fazer um grande serviço á civilisação de todos os povos, principalmente «aos que mais navegam por essas aguas até aqui infamadas de pirataria.»

Calvo Ascencio, commissionado pelos jornalistas que o encarregam de manifestar os seus sentimentos, diz :

«Em nome do paiz, legitimamente representado em toda a imprensa «peninsular, levanto a voz para offerecer ao governo, sem nenhuma «restricção, o apoio de todos os hespanhoes, sejam quaes forem as «suas idéas e condições. A imprensa e os homens da opposição, a este ou «a qualquer governo que lhe possa succeder, em nada mingoarão «nem buscarão diminuir um ápice ás glorias que o exercito conqui- «tar com as armas, nem as que obtiver o governo de S. M. com as «suas acertadas providencias. Pelo contrario: os homens politicos ap- «plaudirão com alvoroço os seus feitos; a imprensa narrará as acções «e tecerá as coróas aos nossos heroes, por que os triumphos que se «conquistarem serão triumphos para a monarchia constitucional, se- «rão triumphos para a civilisação, e virão por ventura justificar o «antigo dito: que a Africa principia nos Pyreneos!»

Ayalla, sustentando a moção congratulatoria e de adhesão, firmada pe- lo orador, por Bernar, Borrajo, Martin de Herrera, Garcia Miranda, Ri- vadeneira e Sanz, e aceita sem discrepancia por toda a assembléa, diz :

«O assentimento da opinião por todos os modos manifestada, prova «que o governo de S. M. cumpriu os deveres que o deposito da nossa «dignidade lhe impunha. Por isso o felicito, e julgo poder fazel-o «n'este momento solemne em nome de toda a nação!»

Esta unidade, desde o senado até ás cabanas, é potente e mages-

tosa. Sem ella não se póde conceber, nem emprehender, nem realizar nenhuma coisa verdadeiramente grande.

Deve semelhante espectáculo servir de lição aos espiritos que aspirarem a uma politica elevada, e a comparação com tal exemplo torna bem censuraveis os homens, que, n'um caso de decoro nacional ainda entre nós recente, não duvidaram praticar o contrario, sacrificando ás suas impaciencias o interesse da patria.

A guerra de Marrocos levantou a Hespenha aos olhos da Europa, levantou-a na sua propria consciencia, que é mais ainda. A concordia e benevolencia dos partidos, em torno da ara nacional, não em resultado de transacções corruptas, é a sua primeira e melhor consequencia. A consagração d'este principio fecundo inaugura uma nova era. A gloria fará o restante.

A occasião é tudo para as nações como para os individuos. A Hespanha tem á sua disposição uma oportunidade, que parece fadada pela Providencia. Quem sabe se está nos seus destinos continuar a obra de João I e Affonso V? Devemos lamentar não estarmos ao lado de nossos irmãos n'essa empresa, nós que primeiro tentámos dilatar para Africa o imperio christão da Peninsula. Quem sabe porém se algum dia iremos quinhoar os seus perigos e os seus triumphos?

A guerra de Marrocos póde ser, ha de ser uma guerra prolongada. Amanhã que se fizesse a paz, não seria mais do que uma tregoa. Para a mourisma é ainda uma guerra de religião, nunca será outra. Para a Peninsula é uma guerra de civilisação, já não póde deixar de o ser.

A aspereza d'aquelles braços do Atlas, que se estendem sobre o Mediterraneo como para segurar convulsamente o littoral africano, os costumes guerreiros do paiz, o fanatismo dos povos, a sua tenacidade, o seu modo de fazer a guerra, a falta de communicacões terrestres, a inopia do paiz invadido, todos estes são obstaculos que se não podem superar n'um dia.

É preciso acampar, marchar, trabalhar combatendo. Cada dia é uma batalha, cada palmo de terra uma conquista. Tudo ali é hostil, os homens, os elementos, e o terreno. Ha de se romper o sólo para se romper por entre os inimigos.

Quarenta mil homens e oitenta peças, em corpos regulares, que levam tudo comsigo, não passam por onde passa o kabyla da montanha e o corcel do deserto. O exercito sobre o fogo incessante de uma população de soldados, ha de vencer as mattas, as penedias, as quebradas, as gargantas e fraguados, para chegar a vencer as legiões barbaras, que afluem a tomar-lhe o passo. A pujança franceza, apesar do valor e celeridade dos seus soldados, da actividade da sua administração e da multiplicidade e expedição dos seus serviços subsidiarios,

levou annos e annos a domar o ultimo cavalleiro das tribus argelinas, que não tinham por supporte um imperio.

É uma obra de grandes fadigas e grandes sacrificios, que não póde parar em pequenos resultados. Os combates sustentados até hoje devem considerar-se preludios apenas. As operações são sempre mais demoradas do que as pede a curiosidade irritada, do que as quizeram os desejos impacientes.

A campanha começou ha dois mezes. N'estes dois mezes o exercito levantou em frente da serrania de Anghera uma formidavel linha de fortificações que assegura a sua base. Esta linha corta *de mar a mar*, como dizem os nossos chronicons da localidade, a estreita lingua de terra em Ceuta que está assentada. Passa ella pela magnifica posição militar das alturas do Serralho, e está consolidada pelos reductos de *Isabel II, Rei Francisco, Principe das Asturias e Hespanha*, verdadeiras praças de guerra, cada vez mais consistentes, armadas de artilheria grossa e de peças rayadas, que mutuamente cruzam os seus fogos protegendo as communicações abertas na rocha viva.

Quinze combates formaes, contando uma acção de 12 horas, tem n'este período attestado o denodo e firmeza das tropas hespanholas, e posto a boa prova á intelligencia e galhardia dos seus chefes. As escaramuças tem sido quotidianas, e muitas vezes mortíferas. Os dias 23, 25, e 30 de novembro, 11, 15, 20, 22, 26, 28 e 29 de dezembro, 1, 4, 12 e 14 de janeiro provam já que as forças de terra e mar tem sabido pelejar com frequencia, soffrer com resignação, operar com perseverança — as tres grandes virtudes que constituem o soldado superior.

Dez a doze mil mouros fóra do combate, se bem não resfriem o ardor fanatico das tribus marroquinas, hão de inspirar um terror salutar ás suas tropas regulares e tornar tanto mais circumspectos os seus chefes quanto mais escarmentados. As posições de Otero, do Serralho, de Castellejos, da Condessa, das Lagunas, do Negron, de Capitanes, ganhas successivamente, os altos, que dominam o valle de Tetuan, já senhoreados pelo exercito, manifestam que as lenidades, se as ha, só provém de graves obstáculos, e que um impulso energico incita as hostes expedicionarias.

As divisões avançam com esforço; mas avançam constantemente e victoriosamente.

A esquadra não tem estado tambem ociosa. As suas caronadas protegem efficaçmente as marchas, e as suas baterias arrasaram já em poucas horas os mais avançados fortes maritimos da praça ameaçada.

Taes triumphos tem sido todavia pagos com sensiveis perdas. Quinze officiaes superiores, mais de 200 subalternos e 2800 soldados deram já as vidas ou o sangue a esta segunda aprendizagem da guerra africana, tão feita para aguerrir em breves dias os filhos do Cid. Mais

ainda tem prostrado as fadigas e as doenças. Este é porém o preço da gloria. Tanto mais alto sóbe na valia, quanto mais doe e mais custa!

Os quatro corpos de Echague, Zabala, Ros de Olano e Prim, sob a direcção suprema de O'Donell, tem tido tempo e occasião de criar aquelle espirito, aquella confiança, aquella experiencia, unidade, decisão e presteza, que, mesmo ás melhores tropas, só dá o exercicio de campanha. O 5.º corpo, do general Rios, já embarcado e em viagem, irá achar mestres feitos nos camaradas a que vai unir-se, levando-lhes um reforço que augmentará o vigor da expedição.

Os terços vasconços e as companhias catalãs apparecerão tambem brevemente no logar da lucta. Esperamos com impaciencia o momento de bradarmos com a Europa: gloria aos generosos filhos de Catalunha e da Biscaya!

O governo nada tem esquecido do que póde estimular o moral do soldado, arregar-lhe o sentimento do dever, exaltar-lhe o caracter e os brios. O exercito levou o seu chronista e o seu pintor. As artes e a historia dirão á posteridade o que elle fizer. E tem que dizer. A parte anecdotica da campanha, que reservamos para quando a possamos dar mais completa, archiva já grandes rasgos de valor individual.

Ao commandante em chefe foi outhorgada a faculdade de conferir recompensas no campo de batalha. Importa que aos relevantes serviços corresponda immediatamente o premio digno d'elles. O merito e o valor, que a intriga condemna á obscuridade, desanimam por fim, e o desconforto que vem da ingratição aniquila em flor as esperanças da patria. O paiz, que pedir sacrificios, deve agradecer-os com maternal solicitude, com recta imparcialidade. Sem isso ninguem espere varões prestantes. Não surgem estes onde só medrarem mediocridades ciosas!

Ha muito que applaudir, repetimol-o. Queremos porém um feito estrondoso, que provoque e excite a admiração da Europa. Seremos os primeiros a festejar-o com jubilo fraternal!

Portuguezes deveras, portuguezes sobre tudo, estendemos, com emulação mas sem inveja, a mão carregada de veneraveis memorias ás mãos enfloradas de recentes palmas. Herdeiros e successores de Gusman e de Gonçalo de Cordova, crede-o, ha n'esta extremidade do continente hispano muitos que, sem menos zelar a sua independencia, exultem com a vossa gloria, porque intendem os interesses da estreita aliança peninsular, porque a desejam poderosa para ser respeitada!

Se não podem esses ir hoje participar dos vossos louros, nem imitar os seus passados, n'esse solo africano crivado de padrões em que tem uma herança, podem seguir-vos com os olhos, saudar-vos com o coração, e acompanhar-vos com os votos!

MENDES LEAL JUNIOR.

LELIA

CANTO SEGUNDO

«Tibia luz, temperada para amantes»,
Illuminava uma pequena sala,
Onde o luxo e bom gosto respiravam.
Em primeiro lugar é necessario,
Que eu te faça um retrato a largos traços
(Como agora se diz) da encantadora
E provocante dona d'essa casa.
Alta, airosa, sorriso malicioso,
Boca fresca, e vermelha como a rosa,
(É velha a imagem mas é sempre boa!)
Cabello hasto, fino, muito escuro,
Olhos da mesma côr, e quasi sempre
Por doce morbidez meio cerrados.
Quando porém ás vezes dardejavam
Por entre a negra sombra das pestanas
Um só raio da luz que os inflammava...
Ai! d'aquelle que ousava descuidado
Fitar de leve essa traidora chamma!
Que te direi do pé pequeno e curvo,
Que na estreita prisão de uma bolinha,
De setim preto estava clausurado?
Não sei; mas sei que ao vel-o me esquecera
A poesia da lua e das estrellas,
Do Tejo de crystal, da mansa brisa,

De tudo o mais que tenho por mil vezes,
Estafado em mau verso e peor prosa,
Para só contemplar os mil encantos,
Que tinha aquelle pé! E a pobre Lelia,
A meiga apparição que nos meus braços
Tinha vindo entregar-se sem receio,
Onde estava? calada e pensativa,
Contemplando o meu rosto, onde subia
O sangue acceso em ondas de desejos.
Em presença d'aquella peccadora,
Esqueceu-me de todo o sentimento
Que me inspirára o anjo de innocencia.
Sou poeta; bem sabes que os poetas
Não são decerto os entes mais constantes!
Depois a essa mulher!... Oh! Deus supremo!
Resistir quem podia n'este mundo?
Se a visses, como esteva n'essa noite,
No sofá assentada, ou reclinada,
«N'aquella posição que toda é graças»,
Como disse o cantor de D. Branca,
O vestido entre *roxo e cor de rosa*,
Apesar da invasão das *crinolines*,
Deixa perceber divinas fórmas.
No cabello uma rosa perfumada,
E no turgido seio, que ondulava
Atravez da finissima cambraia,
Viçoso ramo de singelas flores.
Ella viu a impressão que produzira
No pobre peccador que a contemplava,
E descerrando a bocca n'um sorriso
Quiz fallar, mas a voz morreu nos labios,
E a eloquencia no olhar disse-me tudo.
Pouco a pouco nas faces desmaiadas
Se accendéra o rubor; nos olhos negros
Scintilou por instantes uma lagrima,
«Precursora do languido deliquio».
Meiga sonora então como seria
A voz do archanjo que descesse á terra,
Junto a mim murmurou a voz de Lelia:
«Vou deixar-te; amanhã, no mesmo sitio,
Á mesma hora, de novo nos veremos;
Vou resar a oração que me ensinára,
Minha mãe quando eu era pequenina.
Vou resal-a por ti! «Oh! por instincto,
A innocencia fugia do peccado.
Quiz seguil-a tambem, mas por encanto,
Por encanto fatal senti-me preso

Ao supremo poder d'aquelles olhos
 Que nos meus se cravavam com ternura.
 De novo aquelle pé que me perdéra,
 Se firmou n'um pequeno tamborete,
 E d'essa vez deixando a descoberto,
 Um fragmento de perna, que faria
 Morrer de desespero uma andalusa.
 Esvaeceu-se então completamente
 A meus olhos o anjo da candura,
 Das commoções divinas, da virtude,
 E achei-me só, perdido, face a face
 Ante o demonio das paixões terrestres!
 Dei-lhe a mão, e senti n'um paroxismo
 De desejo e de amor fugir a vida.
 Quando a rasão voltou, como o murmuro
 Da fresca viração da primavera,
 O sopro perfumado de seus labios
 Vinha affagar-me docemente a fronte,
 Os anneis do cabello ondulado e negro,
 Espargindo-se, avaros procuravam
 Occultar-me da vista aquelle scio!
 Impaciente os affasto, devorando,
 N'um beijo, em mil, um mundo de delicias!
 Oh! como então no peito me puláva,
 O coração vaidoso e triumphante!

No languido quebranto que succede
 Ao febril desvario dos sentidos,
 Julia estava a meu lado: amortecida,
 Por entre a densa rama das pestanas,
 Partia a luz das languidas pupilas.
 Desmaiára de amor a rosa esplendida,
 E voltava de novo áquella face,
 A pallidez do lyrio das campinas.
 Abatida, indolente, erguera a fronte;
 Caminhámos os dois para a janella:
 Os primeiros clarões da madrugada,
 Vinham rompendo já no firmamento:
 Chegava emfim a hora, era forçoso
 Dizer adeus á seductora imagem!

CANTO TERCEIRO

Casta filha do céo, pura innocencia
 Inda o terço d'est'alma, que escapára

À corrupção mundana, te pertence
Inda o sorriso alegre de teus labios
Me torna aos dias da ditosa infancia,
E me faz existir algumas horas
No doce enlevo de passados sonhos.
Quantas vezes porém ao ver-te, oh rosa,
Nas agruras da terra, eu te contemplo
Com viva compaixão! Tão facilmente,
Se evapora o perfume do teu seio,
Se perde o viço do teu meigo rosto!
Tombas subito ao chão pallida e triste!
E por quê! por que o sopro envenenado
Do mundo te tocou. Alheia ao crime,
Cahes fulminada pelos crimes de outros!

Eram estes, oh musa os pensamentos
Que vinham em tropel ao meu espirito,
Quando estava disposto a dirigir-me,
Ao sitio que na vesp'ra me indicára
A ingenua irmã da tentadora Julia.
Começava a morder-me na consciencia
O remorço de haver atraído
Aquelle anjo de amor e de candura.
N'isto sinto parar um trem á porta;
Olho, e vejo saltar de uma caleche,
Ellegante e veloz como a gazella,
A minha irresistivel peccadora.
Quantos protestos até'li fizera,
Só com sentir-lhe a voz se evaporaram!
Corro á porta, ella sóbe, e nos meus braços
Com delirante affecto se arremessa:
—«Tardavas tanto... as horas d'este dia
Não terminavam nunca; vim buscar-te;
Perdoa se fiz mal; mas o desejo
De te ver e abraçar era tão forte...
Vamos dar um passeio pelo campo...
E depois... serás meu, e eu serei tua!»
Terminado este rapido discurso,
Mas cabal, elloquente e peremptorio,
Peguei no meu chapéo e em continente,
Descemos e partimos na caleche.
Não podes duvidar que possuia
A mais commoda amante d'este mundo.
Quando o carro passou pelo Chiado,
Mais de vinte lunetas se assestaram,
A um tempo sobre nós; e é bem provavel

Que mais de vinte bocas honradoras
 Me ficassem na sombra remordendo;
 Tanto melhor; é bom ser invejado.

Oh! que tarde de Abril! O sol baixando
 Illuminava de clarões suaves
 O firmamento azul, nos verdes prados
 A flôr estremecendo de alegria,
 Aos doces beijos na travessa aragem,
 Como offrenda enviava ao seu propicio
 A pura essencia de vergineo seio.

Scintillava o prazer nos olhos negros
 Da mulher que apesar de peccadora,
 Era bella, tão bella como anjos
 Que o tentador Satan arroja ao mundo!
 Formosuras fataes, qu'inda conservam
 Na fórma o que é do céo para illudir-nos!
 Ai! de nós! se encaramos descuidados
 A morbida expressão de certas fronteas,
 Onde a candura nos occulta o crime!

Alva era a face da elegante Julia,
 Vivo o rubor que lhe animava os labios,
 Adoravel a tinta fugitiva,
 Que lhe tocava levemente as palpebras.
 Muda a boca; no olhar toda a elloquência!
 Olhar profundo, ardente apaixonado,
 Olhar que mil venturas promettia!

Entramos na allameda; era sol posto.
 Ao chegarmos á porta, dei de frente
 N'um personagem que d'ali saia,
 Baixo, gordo, roliço, impertigado,
 Sorriso de barão, cara opulenta,
 E ar de um homem contente de si mesmo.

—«É de certo barão ou brasileiro.»

—«Brasileiro e barão» disse-me Julia.

—«Visita d'esta casa ha muito tempo!

—«Ha muito tempo sim...» respondeu ella

Com certa hesitação—«Não lhe fallaste?»

—«Felizmente escapei de tal desgraça!»

Subi, cheguei á salla; ella deixou-me

Por algum tempo só junto á janella.

Sentei-me a respirar o vivo aroma

Da fresca viração da noite amena.

Mudára tudo em mim completamente:

Resfriara-se o fogo dos desejos,
 E o sentimento despontava n'alma!
 Vaporosa, ideal, dentro de pouco
 A meus olhos surgira uma figura
 Cujá fôrma gentil me arrebatava!
 No purissimo azul dos olhos castos
 Tremiam scintillando algumas lagrimas;
 O sorriso, gellado á flor dos labios,
 Como gella o sorriso da virtude,
 Quando pára assustada ante o peccado.
 Tirando a corôa de virginias flores,
 Que lhe cingia a fronte immaculada,
 Olhára para mim! oh! Deus supremo!
 A expressão d'esse olhar era a do anjo
 Ao contemplar um infeliz na terra!
 Depois soltando a voz, estas palavras
 Com doçura e tristeza proferira:

«Parto, e deixo-te no mundo!
 Fujo, timida innocencia,
 Ouvindo o rumor profundo
 D'esta agitada existencia!

Vi-te um dia; era na hora,
 Em que a brisa é mais saudosa,
 Em que a luz do sol descora,
 E dá mais perfume a rosa!

«Est'alma toda candura,
 Á tua alma se rendia,
 E com que immensa ternura
 Os teus protestos ouvia!

«Protestos de um coração,
 Que sem susto e sem temor,
 Respondia co'a traigão
 Ás provas do meu amor!

«A grinalda, qu'inda vês
 N'esta fronte desbotada,
 Vae cahir-te em breve aos pés
 Mas vae cahir desfolhada!

«Na minha ingenua innocencia
 Aspiro tambem ao ceu,
 Como aspira a grata essencia
 Da flôr que no val nasceu!

«Fragil flor, que em pura aurora,
Vendo o sol sorrindo, amou;
Mas d'esse amor n'uma hora
O vivo fogo a matou!»

A voz emudeceu. O olhar sereno
Sobre mim se fitou com mais ternura!
Era Lelia? ou seria a imagem d'ella
Que eu tinha ante meus olhos deslumbrados?
Tudo era incerto e vago no meu animo,
Como é vaga a impressão de um bello sonho!
Aureola de luz resplandecente
Veiu então inundar aquella fronte.
Reconhecia emfim, oh! era Lelia,
Que despr'endera a voz, que proferira
Com tão sentido affecto aquellas fallas!
A seus pés n'esse instante alucinado
N'um extasi de amor me precipito,
Repetindo anhelante estas palavras:

Resurge outra vez das sombras
Da tristesa em que vivia,
Est'alma, e toda alegria
Volve á tua alma infantil.
És minha. Sou teu. A vida
Mais risonha do que a aurora,
Mais florida do que abril!

Oh! se um dia, desvairado,
Ousei trahir-te, innocente,
Como o rémorço pungente
Te veiu depois vingar!
Como agora arrependido
O meu coração procura,
Dar-te emfim quanta ventura,
Quanto amor se pôde dar!

N'esse momento uma infernal risada
Me fez estremecer. Subito acordo
Da suave impressão do mago sonho;
E que vejo ante mim?! uma figura
Ironica e fatal! Era o diabo!
Tranzido de terror em vão procuro
Meus olhos desviar d'aquelles olhos,
Cuja sinistra luz me fascinava!
Suspendendo na mão livida e fria

A mesma cr'oa de virginias flores,
 Que eu tinha visto na graciosa fronte
 Da celeste visão que me encantára,
 Disse emfim com satanica ironia :
 «Olha é esta a grinalda immaculada,
 Da tua ingenua e seductora Lelia!
 Agora aqui a tens, custou cem libras,
 Não ha muito ao rotundo brasileiro
 Que viste á porta d'esta nobre casa!
 Julia commigo contractára a venda.
 Se vens mais cedo um'hora inda podias
 Das garras do falcão livrar a pomba!»

Não ouvi nada mais: tinha perdido
 A consciencia da vida n'esse instante!

Fim do canto terceiro.

Continúa

BULHÃO PATO

CHRONICA

D'antes era a litteratura que produzia a critica; hoje é a critica que fórma a litteratura. Querem a prova? eil-a. D'antes appareciam poetas estreavam-se dramaturgos, surgiam romancistas; hoje só ha criticos. Obras faltam; criticas sobejam. Criticas de quê? perguntará o leitor, uma vez que não ha obras? Ora de quê! De tudo e de nada. Já lá vae o tempo em que só era escriptor quem tinha o nome á frente de um livro. Hoje basta para ser escriptor traduzir uma comedia ou fazer uma noticia diversa! O noticiario foi o unico e verdadeiro Messias litterario. Deve-se a elle tres partes, seguras, dos litteratos que illustram esta terra! O noticiario abrange todos os ramos que podem tornar valiosa a penna de qualquer homem de letras. Ha occasião ali para exercer a critica litteraria, a critica dramatica, a critica lyrica, a critica policial, a critica administrativa, finalmente toda a critica, sem exceptuar a transcendente. É n'esta, estamos convencidos, que ha de ir mais longe, tão longe que a maioria não ha de perceber-a. Tambem a transcendencia não aspira a outra coisa mais, que a não ser percebida, segundo já espirituosamente o provou o sr. Julio Cesar Machado, n'um folhetim da *Revolução de Setembro*.

Dizia-se, e era uma verdade, que a politica matava entre nós a litteratura. N'aquelle campo esperdicaram as nossas melhores vocações horas e tempo, que podiam dar ás letras ricos thesouros. Todavia cumpre confessar, que algum livro que ainda hoje se publica traz no frontespicio algum d'esses nomes. A sua valia provaram-n'a então, e provam-n'a ainda hoje. Se o publico lastimava aquellas deserções era por que os desertores já tinham manifestado o seu talento em obras tão estimadas como applaudidas. Fazia pena vêr o homem de letras tornar-se homem politico. E porquê? Porque o publico cubicava os romances de Rebello da Silva, tinha saudades dos dramas de Mendes Leal, sonhava com as poesias de João de Lemos, e queria divertir-se com os folhetins de Lopes de Mendonça. E não pára aqui, porque n'aquella época havia uma pleiada de escriptores, que são os que actualmente ainda sustentam o nosso esplendor litterario, e cujas producções despertavam geralmente interesse. Folhêm os catalogos, analysem os jornaes, e verão assignados os melhores artigos, Latino Coelho, Corvo, Palmeirim, Ca-

millo Castello Branco, Silva Tullio, Cascaes, Bulhão Pato e alguns outros, que se revellaram n'aquelle tempo. No livro e no theatro figuram sempre estes nomes. Mesmo agora quando apparece um livro de historia, quem o firma? Rebello da Silva. Um poema lyrico? Mendes Leal ou Bulhão Pato. Uma boa comedia nacional? Cascaes. Um ensaio biographico? Lopes de Mendonça.

E d'essa alluvião de escriptores que actualmente por ahi se fazem apregoar, que diplomas existem? nenhuns. O rotulo que seguem cifra-se em nada fazer e tudo deprimir. Preferem julgar a serem julgados. Fazem bem. Collocam-se em cima da critica para não deixar vêr que estão abaixo das obras.

Fazemos ponto n'esta questão e principiemos a chronica.

Era tempo, dirá o leitor, que pouco ou nenhum interesse lhe podia inspirar o que temos dito, e que talvez chegasse a julgal-o fóra de proposito? Talvez pareça, mas isso é que não era. Em duas palavras contamos justificar-nos. Saberá o leitor que tínhamos o maior desejo de poder sempre enectar a chronica noticiando a apparição de um livro. N'um jornal como a *Revista Contemporanea*, exclusivamente dedicado ás letras, são estas as novas, que melhor cabimento tinham n'estas paginas. Foi escogitando uma nova semelhante e não conseguindo encontral-a, que espontaneamente nos saíram dos bicos da penna essas linhas que embora pareçam deslocadas foram todas sentidas.

Apenas deparámos com duas composições originaes, que devem proxima-mente subir á scena, uma no Gymnasio outra no theatro de D. Maria II. São ambas de auctores conhecidos. É a *Revista do anno de 1859*, por Andrade Ferreira, e o *Morgado de Fafe em Lisboa*, por Camillo Castello Branco. Reservamos as analyses para depois de representadas as producções.

No theatro normal foi á scena no beneficio do actor Tasso a comedia em 4 actos *O luxo*, que teve o exito que lhe profetisámos. A distribuição prejudicou-a, tornando inuteis os esforços do beneficiado, que luctou quanto esteve ao seu alcance para a salvar da queda. O publico fez-lhe justiça, applaudindo-o e victoriando-o durante a noite, mas desde logo mostrou o seu descontentamento pelo desempenho da peça.

Prezamo-nos de sempre haver dito a verdade ao ex.^{mo} commissario regio, e folgamos que ainda ultimamente s. ex.^a tivesse occasião de nos fazer justiça. A acquisição da atriz Emilia assim o denuncia. Declarámos-lhe, e tornámos a repetir-lhe que o theatro normal sem uma actriz dramatica não podia existir, e os factos justificaram as nossas palavras. Saudamos com alvoroço a vinda da distincta actriz Emilia, que bem necessaria era ao theatro, onde os auctores nacionaes tinham sido condemnados a não poder fazer representar um drama. Mas para que a primeira scena nacional estivesse completa e habilitada para um bom repertorio, convinha que tambem fosse escripturada a actriz Soller.

Em quanto as duas unicas artistas dramaticas que temos, não estiverem ali reunidas, o theatro normal não poderá satisfazer lisongeiramente as exigências do seu repertorio. Logo na *Joanna a doida*, que dizem ser o drama que a actriz Emilia escolhêra para a sua reaparição na primeira scena nacional, hão de ver provado o que avançamos.

Em S. Carlos deu-se a *Favorita*, o *Trovador* e o *Rigoletto* n'uma semana, e na outra o *Rigoletto*, o *Trovador* e a *Favorita*; e n'esta variedade de transposições se gastaram as quatro semanas do mez. Os assignantes zangaram-se na primeira, riram-se na segunda, bocejaram na terceira, e adormeceram na ultima.

Lá nos esquecia a compensação que tiveram. Para variar inteiramente alternavam-se o Bartholini e o Celestino no desempenho das partes de baritono. Hoje era *Rigoletto-Bartholini*, amanhã *Rigoletto-Celestino*, e continuamente se repetia igual mudança nas outras duas partituras.

É do sr. Annunciação a gravura que adorna este numero. É cópia de um quadro que o distincto pintor executou para satisfazer um pedido da saudosa

rainha, a Sr.^a D. Estephania. Faltava consignar mais este acto que illustra a memoria da chorada esposa de S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V. Encommendando dois quadros a um dos nossos primeiros artistas nacionaes, mostrou que apreciava o seu talento, e que desejava recompensal-o, protegendo-o.

A proposito daremos duas noticias artisticas, uma nacional outra estrangeira; mas ambas do maior interesse.

A primeira é o modêlo para um monumento a Camões, que o sr. Victor Bastos terminou, e que desde já asseguramos estar á altura da reputação que o talentoso estatuário adquiriu nas differentes obras que já recommendam a sua galeria.

A segunda é declarar aos leitores que já está prompta e concluida a estatua de Minerva, que o sr. Joaquim Pereira da Costa, mandára fazer a Italia para ser collocada no pequeno largo fronteiro á Academia das Bellas Artes. O esculptor chama-se Vicente Vela. Segundo diz Charles de Monselet, collaborador distincto do *Monde illustré*, Vela é um dos primeiros esculptores d'Italia. Monselet indo a Turim foi visitar-lhe o *atelier*, e teve occasião de admirar varias obras que confirmam este juizo. Primavam entre as melhores uma composição festejada pela sua elegancia, e que representa *A musica chorando no tumulto de Donnizetti*. A attitudé da mulher é cheia de abandono e as roupas estão dispostas com bastante oppulencia e extrema simplicidade; o braço esquerdo cae desfallecido sobre os joelhos. N'um baixo relevo cinco ou seis genios pequenos quebram as lyras; os movimentos d'elles são adoraveis. Censura apenas que n'este baixo relevo, onde se observem detalhes curiosos, reine uma certa alegria incompativel com o assumpto.

As outras duas que lhe attrairam mais attenção: foi uma estatua colossal de *Minerva*, destinada para a cidade de Lisboa: a *Primavera*, representada por uma rapariga risonha e delicada, uma maravilha de frescura e de vida: e o busto de Camillo Cavour.

Accrescenta o escriptor francez que Vela denuncia uma fecundidade prodigiosa, a julgar por um dos *ateliers* que visitou, e aconselha todo o homem de letras ou artista que fór a Turim, que não deixe de ir ali passar algumas horas.

Annuncia-se a publicação de um novo jornal politico, destinado a representar na imprensa os interesses moraes e economicos, na mais larga esphera dos principios, e no estudo consciencioso das suas applicações ás circumstancias peculiares do nosso paiz. Entre os seus redactores figuram além de muitos outros, os srs. A. F. de Castilho, Lopes de Mendonça, Redrigues Cordeiro, Claudio José Nunes, Lobo d'Avila, Magalhães Coutinho, Latino Coelho, Julio Pimentel, Rebello da Silva, Lobato Pires. O novo jornal toma o nome de *Discussão*, como que para significar bem claramente que os verdadeiros progressos publicos devem resultar do debate amplo e desapaixonado dos problemas de administração e economia.

A *Galeria artistica*, publicou a biographia do actor Sargedas, escripta pelo sr. Julio Cesar Machado. A penna do escriptor mostrou-se tão chistosa no perfil comico do artista, que ainda nos obrigou a rir com elle fóra de scena. Com nomes postiços tem o sr. Sargedas feito rir muita gente; mas com o seu proprio nome deve-o ao travésso biographo. Apostamos que até o sr. Sargedas se riu,—á sua custa.

ERNESTO BIESTER.